

Folclore Político em Piracicaba e outras plagas



*Adolpho Queiroz, Erasmo Spadotto
e Evaldo Vicente, organizadores
e a participação especial de Cecílio Elias Netto*



IHGP
Instituto Histórico e
Geográfico de
Piracicaba

NOVA CONSCIÊNCIA
EDITORA

Folclore Político em Piracicaba e outras plagas



IHGP
Instituto Histórico e
Geográfico de
Piracicaba

NOVA CONSCIÊNCIA
EDITORA

Folclore Político em Piracicaba e outras plagas

Adolpho Queiroz, Erasmo Spadotto
e Evaldo Vicente, organizadores

– 2014 –
Piracicaba-SP

© 2014 Adolpho Queiroz, Erasmo Spadotto e Evaldo Vicente

Todos os direitos reservados e projetados pela Lei 9610, de 19/02/1998.

1ª edição - Outubro/2014 - 1.200 exemplares

PROJETO GRÁFICO | Rafael S. Gatti

REVISÃO | Adolpho Queiroz

CAPA E ILUSTRAÇÕES | Erasmo Spadotto

Ficha catalográfica elaborada na editora

Queiroz, Adolpho; Vicente, Evaldo; Spadotto, Erasmo.

Folclore Político em Piracicaba e outras plagas / Adolpho Queiroz, Erasmo Spadotto e Evaldo Vicente.

- 1ª ed. out. 2014 - Capivari, SP : Editora Nova Consciência e Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, IHGP, 2014

104 p.

ISBN 978-85-63448-42-2

1. Folclore Político. 2. Folkcomunicação.

3. Piracicaba. I. Título.

CDD 324



IHGP
Instituto Histórico e
Geográfico de
Piracicaba

2014 – 2016

Presidente

Vitor Pires Vencovsky

Luiz Antonio Balamnut

Alexandre Sarkis Neder

Vice-Presidente

Toshio Iczuca

CONSELHO FISCAL

Antonio Messias Galdino

Claudinei Pollesel

Legardeth Consolmagno

Primeiro Secretário

Valdiza Maria Capranico

SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL

Noedi Monteiro

Antonio Carlos Neder

Geraldo Claret de Mello Ayres

Segundo Secretário

Pedro Caldari

Primeiro Tesoureiro

José Carlos Esquierro

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Almir de Souza Maia

Edson Rontani Júnior

Laura Alves Martirani

Vitor Pires Vencovsky

Segundo Tesoureiro

Moacir Nazareno Monteiro

Orador

Gustavo Jacques Dias Alvim

Endereço

Rua do Rosário, 781,

2º piso - Centro - Piracicaba-SP

13420-510

Diretor de Acervo

Renata Gava

SUPLENTES

Almir de Souza Maia

Tel.: 19 3434 8811

ihgp@ihgp.org.br

SUMÁRIO

Prefácio – Sempre inventivos!.....	9
Apresentação – Uma nova história, cheia de bom humor.	11
Da ideia a um livro sobre Folclore Político	13
Dimensões teóricas sobre o campo.....	17
Dimensões teóricas da folkcomunicação política.....	21
A comunicação boca a boca.....	25
O pioneirismo de Sebastião Nery	29
O colonismo político.....	33
O primeiro grande documento sobre a história e o folclore político da cidade de Piracicaba , a pasquinada de 1823	37
Da plateia, espectador; no palco, ator e autor.....	43
Cecílio Elias Netto	
As provocações do “Capiáu” no A Tribuna Piracicabana e de Erasmo Spadotto no “Jornal de Piracicaba”	51
Considerações Finais	53
Referências bibliográficas e webgráficas	55
Notas sobre o folclore político piracicabano	57
Anos 30	57
Anos 50	58
Anos 60	60
Anos 70	63
Anos 80	68

Anos 2000	87
Regional	91
Anos 70	91
Anos 80	92
Nacional.....	93
Século XIX	93
Anos 60	94
Anos 80	96
Anos 2000	97

PREFÁCIO

SEMPRE INVENTIVOS!

*Prof. Dr. Roberto Gondo, Presidente da POLITICOM
Sociedade Brasileira dos Pesquisadores e Profissionais de Comunicação e
Marketing Político*

Este novo trabalho, capitaneado pelo prof. Adolpho Queiroz, ao lado de seus velhos companheiros de jornalismo em Piracicaba, Cecílio Elias Netto, do jornal “A Província” e Evaldo Vicente, do “A Tribuna Piracicabana” aos quais se incorporou o cartunista do “Jornal de Piracicaba”, Erasmo Spadotto, é mais uma prova da sua inventividade.

O jornalismo político do país, nas suas várias facetas e gêneros, teve no jornalista, deputado e embaixador Sebastião Nery – e tem ainda seguidores como o jornalista Gaudêncio Torquato – a perspectiva de alinhar velhas e boas histórias sobre o comportamento dos políticos brasileiros. Sempre tratadas com muito bom humor.

Piracicaba, cidade conhecida mundialmente por seu Salão de Humor sempre teve no conteúdo de suas páginas de jornalismo político, boas doses de humor contra os políticos locais, regionais e nacionais. São várias as colunas, ao longo do tempo, nos principais jornais da cidade, a ridicularizar o excêntrico no meio político. A destacar vaidades e a cobrar pelo exercício ético no comportamento de vereadores, prefeitos, deputados e todos os demais que por lá participaram e ainda participam da vida pública.

Além disso, esse livro contempla uma discussão teórica sobre o campo do jornalismo político, que perpassa suas origens na dimensão da folk-comunicação, no gênero jornalístico das colunas, na comunicação boca a boca – de onde advém a maioria das histórias e comentários – e, espe-

cialmente, do apoio do cartum, da caricatura e da charge que compõem os ingredientes básicos da boa receita do folclore político difundido hoje no país.

Ao garimpar estas histórias aqui e ali, o quarteto dos autores soube escolher com precisão uma porção de situações bem-humoradas nas quais os políticos tiveram seus nomes envolvidos. Se elas são verdadeiras ou não, isso faz parte do significado especial deste campo do jornalismo brasileiro, praticado com tanta intensidade em Piracicaba.

A cidade, ao reunir numa só publicação, autores como Queiroz, Elias, Vicente e Spadotto, certamente estará contribuindo de forma decisiva para ampliarmos nossa compreensão sobre o tema; nos divertirmos com um outro jeito de fazer história – com humor e sarcasmo – e, acima de tudo, possibilitar às novas gerações de editores de jornais brasileiros, como é importante e como faz bem a todos os leitores, o divertimento proporcionado por estes comentários tão maldosos, mas tão necessários.

Eu me diverti muito lendo os originais, embora não conhecendo os personagens da “terrinha”, como vocês chamam. Mas que são personagens certamente nacionais, com os quais trombamos nas cidades, nos estados e num país chamado Brasil.

Os autores advertem que já pensam num próximo volume, incluindo histórias e personagens do folclore político internacional. Que seja para breve, pois já estou curioso, como certamente estarão os demais leitores desta obra.

APRESENTAÇÃO

UMA NOVA HISTÓRIA, CHEIA DE BOM HUMOR

*Vitor Pires Vencovski,
Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba*

A história, na sua dimensão científica, comporta muitos olhares e interpretações. A história tradicional, descritiva, analítica, temporal, interpretativa, possui a sua tradição largamente difundida através das várias escolas teóricas que as representam. Ela tem sido a base para a difusão do conhecimento sobre o passado de Piracicaba, nas várias contribuições que este Instituto tem dado.

Contudo, com o livro “Folclore Político de Piracicaba e outras plagas”, inovamos o nosso olhar sobre a história. Trata-se de uma publicação do repertório da comunicação oral que transita pela cidade, por fatos e algumas “lendas” sobre políticos locais, regionais e nacionais. Muitas delas foram e muitas delas têm sido publicadas pela imprensa local, ao longo dos últimos 60 anos.

Para reuni-las, juntamos o pesquisador e professor universitário Adolpho Queiroz; os jornalistas largamente prestigiados e conhecidos em nossa cidade, Cecílio Elias Netto e Evaldo Vicente, que atuam no mercado editorial local há décadas; e o jovem cartunista e chargista do “Jornal de Piracicaba”, Erasmo Spadotto, igualmente impiedoso com os políticos da nossa terra, nos últimos 20 anos de sua carreira como profissional.

Como sócios e integrantes do nosso Instituto, Cecílio, Evaldo e Adolpho são referências nos campos do jornalismo, do ensino e da pesquisa acadêmica e nos dão de presente uma obra inspiradora, bem-humorada e inauguram um jeito novo de recontar a história local, através do folclore político.

Pluralista na sua dimensão institucional e teórica, cabe ao IHGP apoiar a iniciativa e dar o apoio formal, que adquire espectro mais amplo quando, a esta obra, associam-se várias outras associações científicas nacionais do campo da comunicação como a INTERCOM, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; POLITICOM, Sociedade Brasileira dos Pesquisadores e Profissionais de Comunicação e Marketing Político; ABP2, Associação Brasileira dos Pesquisadores de Publicidade e Rede Folkcom, Associação Nacional dos Pesquisadores sobre Folkcomunicação e ABCOP, Associação Brasileira dos Consultores Políticos.

“Castigat ridendo mores”, ensinam os filósofos. *“É rindo que se castigam os costumes”*, traduzimos nós livremente. Que este livro, além de recuperar a tradição do jornalismo crítico, sempre necessário para a nossa cidade, nos divirta e nos traga a reflexão necessária para o bom desenvolvimento da política como atividade importantíssima para a vida de todos nós.

DA IDEIA A UM LIVRO SOBRE FOLCLORE POLÍTICO

Comecei a participar da imprensa em Piracicaba em 1972, aos 15 anos, quando meu pai faleceu e tive que buscar trabalho profissional. Fui acolhido pelo jornalista Cecílio Elias Netto, então diretor de “O Diário”, que me abriu as primeiras portas para os caminhos do jornalismo impresso, numa equipe composta pelos jornalistas e hoje grandes amigos Evaldo Vicente, João Mafféis Netto, Carlos Colonese, Luís Antonio Rolim, Antonio Messias Galdino, João Carlos Gonçalves, Luís Forti, Roberto Antonio Cera, Rogério Viana, Mário Terra, *in memoriam*, Benedito de Andrade, Alceu Marozzi Righetto, José Maria Carvalho Ferreira e Henrique Spavieri. Também trabalhei em duas rádios locais, a Rádio Difusora, como redator dos programas de jornalismo e na Rádio Educativa, na mesma função e como repórter esportivo, na equipe do saudoso Nadir Roberto Chinaglia.

Foram tempos de lutas políticas importantes para a cidade de Piracicaba, de ideias inovadoras, de mudanças ousadas no campo tecnológico como a implantação da impressão em *offset* pelo jornal “O Diário”, a chegada da FM na Difusora, entre outras.

Era um tempo em que havia muito bom humor na cidade. Em que nos permitíamos brincar com as autoridades públicas sem que houvesse exageros. Sem que houvesse punição, retaliação ou duelos em praça pública. Era, enfim, um jornalismo combativo, divertido. E com nossas brincadeiras, ao modo de Paulo Freire e Luiz Beltrão, nos vingávamos da classe política. “*Ridendo castigat moris*”, ensinava-nos o velho professor Benedito

Cotrim, no “Sud Mennucci”: rindo, castigamos os costumes.

Adilson Maluf foi eleito prefeito, pelo MDB e com ele comecei a conviver com a política local. Depois vieram João Herrmann Neto, a quem acompanhei como secretário de gabinete em seu primeiro mandato como deputado federal pelo PMDB, em Brasília; José Machado, de quem fui secretário de comunicação; Barjas Negri, meu ex-professor de economia no curso de comunicação na UNIMEP, e atualmente, Gabriel Ferrato, de quem fui padrinho de casamento.

São desses períodos que vão dos anos 1970 até 2014, as lembranças de pequenas histórias que publiquei, adaptei, participei, vi, vivi, protagonizei, ora transformadas neste livro sobre Folclore Político.

Avancei do jornalismo profissional para a docência e pesquisa no ensino superior, graduando-me em Publicidade na UNIMEP/Piracicaba; fazendo um mestrado na Universidade de Brasília, à época em que trabalhei na Câmara dos Deputados; doutorando-me em comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo e concluindo meus estudos como pós-doutorado na Universidade Federal Fluminense. Desta fase vem o apelo para que as historietas tenham também uma dimensão teórica.

Fui buscar nos clássicos e na pouca produção científica sobre o campo do folclore político, algumas diretrizes para pensá-lo no campo acadêmico, ora como gênero jornalístico, ora como instrumento da folkcomunicação, ora como comunicação boca a boca.

Parceiros nesta aventura acadêmica e bem-humorada estão os jornalistas Cecílio Elias Netto, Evaldo Vicente e o cartunista Erasmo Spadotto. Há 58 anos militando no jornalismo local, Cecílio Elias Netto foi diretor dos jornais “A Folha de Piracicaba”, depois “O Diário” e hoje dirige o jornal virtual “A Província”, sendo também autor de livro clássico na cidade, sobre o “Dialeto Caipiracicabano”, onde reuniu centenas de palavras faladas e escritas pela população local, diferentes das que estão nos dicionários ortográficos brasileiros. Evaldo Vicente está já há 40 anos na direção do jornal “Tribuna de Piracicaba São Pedro e Rio das Pedras”, investindo no jornalismo regional, sendo empresário bem-sucedido no campo, cargo que facilitou sua ida para a presidência

da 41ª edição do Salão Internacional de Humor de Piracicaba. O caçula da turma, Erasmo Spadotto, nascido em Santa Maria da Serra, mas bem jovem vindo a Piracicaba, é hoje indiscutivelmente o chargista mais perene da história das publicações de humor na cidade, sempre no “Jornal de Piracicaba” que o acolheu e lhe deu a liberdade necessária para exercer o seu ofício com talento e criatividade.

Leiam, pois, na sequência, o resultado desta incursão intelectual pela vida hilariante de uma cidade do interior, do Estado mais rico da Federação e do país pelo qual lutamos para vê-lo livre da corrupção.

Manifestamos aqui imensa gratidão ao **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**, do qual Cecílio, Evaldo e eu temos a honra de ser integrantes, que ousou nos ajudar a escrever um capítulo peculiar da história da cidade. Uma história de risos, escárnio e bom humor!

Adolpho Queiroz
Novembro de 2014.

DIMENSÕES TEÓRICAS SOBRE O CAMPO

Este tópico tem como premissa uma revisão de literatura e digressões sobre o tema do folclore político. Do ponto de vista de “Gênero Jornalístico”, caracteriza-se mais pela publicação de pequenas notas, via de regra bem-humoradas, sobre ações engraçadas ou negativas praticadas por políticos brasileiros.

É comum no dia a dia dos jornais, serem publicadas estas notas políticas bem-humoradas, que variam entre 5 a 20 linhas. O mais ilustre de todos os jornalistas-humoristas do país, Millor Fernandes, com seus “Ai-kais”, no semanário “O Pasquim” e depois na revista “Veja”; a coluna “Painel”, da Folha de S. Paulo, o “Informe JB” (Jornal do Brasil), entre outros.

Em Piracicaba, os pioneiros foram os jornalistas Sebastião Ferraz e José Antonio Bueno de Camargo (o Zé ABC), que criaram a coluna “Cactus”, no jornal “O Diário de Piracicaba”, depois deles veio o jornalista Og Pessotti, que escrevia com o pseudônimo “Bola Branca”, na antiga Folha de Piracicaba, em seguida a ele o jornal “O Diário” e “A Província”, com seu espaço “Fundo do Baú” o antigo “Off” do Jornal de Piracicaba e hoje o único que permanece constante, “Capiáu”, do A Tribuna Piracicabana, dentre outros, são espaços que permanecem informando e criticando, através destas notas e ilustrações feitas por desenhistas do humor gráfico.

Editor da coluna “Off”!, do Jornal de Piracicaba, por muitos anos, o jornalista Joacir Cury, hoje editor do jornal “Gazeta de Piracicaba”, concedeu-nos breve entrevista por e-mail, sobre os seus tempos como editor daquele espaço:

“O Off foi um sucesso e, principalmente, foi um incremento de fontes fidedignas que os jornalistas passaram a ter. Era a coluna mais lida e o interessante era que mantinha a continuidade das informações. Era o fato num dia e o desfecho no outro em várias das notas. Os políticos tremiam! Muitas das notas eram descartadas porque não tinham fontes confiáveis e ou o jornal corria risco de processo na Justiça. Sempre defendemos a fonte em caso de a nota ser desmentida ou contestada. Todas as notas tinham procedência e na coluna podíamos brincar com o lado do humor em determinados casos. Na Gazeta, com menor número de repórteres, a coluna teve vida curta, também porque a lei que prevê indenizações pega muito duro e não dá para arriscar.”(entrevista aos autores em 13/7/2014)

A maior referência ao campo é sem dúvida o jornalista Sebastião Nery, que por muitos anos colaborou com vários jornais brasileiros, com suas histórias, estórias, fábulas e lendas sobre a política brasileira e as reuniu posteriormente num livro “Folclore Político, 1950 histórias”, publicado pela Geração Editorial, em 2002. Trata-se da reunião de pequenas notas publicadas ao longo de vários anos em que o jornalista permaneceu ligado e próximo ao poder, até ser eleito deputado estadual e depois deputado federal pelo PDT de Leonel Brizola, no Rio de Janeiro. Durante várias ocasiões, Nery foi membro dos júris de seleção e premiação do Salão Internacional de Humor de Piracicaba.

Outro grande incentivador desta prática é o jornalista e consultor político Gaudêncio Torquato, só que agora já diante da modernidade, publica sua “Porandubas” através do seu site e as distribui pela internet. Além disso, enfeixou-as recentemente num grande volume impresso, transformadas em livro, com belas histórias deste campo.

Há ainda um estudo de 2004, do então presidente da INTERCOM, Antonio Hohlfeldt sobre o tema, denominado “A imagem da política e dos políticos na perspectiva da folkcomunicação: uma abordagem exploratória”, que apresentamos no contexto deste livro.

Contudo não se trata de assunto contemporâneo. Como relata o historiador piracicabano Hugo Pedro Carradore, em livro similar, intitulado “Folclore do jogo do bicho”, liga aquele campo, o jogo do bicho, com o da política:

Em 1º de março de 1923, dia em que faleceu Rui Barbosa, a “águia” foi super carregada. E deu... Durante a semana, a milhar mais jogada em todo o país foi a 6259 (jacaré), número correspondente ao decreto que proibiu o jogo do bicho em todo o território nacional” (CARRADORE, 1979, pg.46)

Cabe a explicação de que “Águia de Haia” era o apelido com que Rui Barbosa ficou conhecido, por ter representado o Brasil em conferência em Haia/Holanda, tendo por lá grande desenvoltura, o que lhe valeu o apelido.

DIMENSÕES TEÓRICAS DA FOLKCOMUNICAÇÃO POLÍTICA

Os estudos iniciais de Luiz Beltrão, fundador do campo de estudos sobre folkcomunicação no país e o surgimento da Rede Brasileira de Pesquisadores de Folkcomunicação em 1998, passaram a tratar a temática, mais do que como um resgate cultural, numa nova via de estímulos à produção acadêmica. Hoje a Rede Folkcom possui inclusive, além de vasta produção bibliográfica, uma revista eletrônica intitulada Revista Internacional de Folkcomunicação, criada em 2003, link <http://www2.metodista.br/unesco/revistafolkcom/Revista.pdf>, onde estão disponíveis vários tipos de discussão sobre a influência do folclore no campo comunicacional.

Num dos livros publicados por esta Rede, “Noções básicas de folkcomunicação, uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões”, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR, os autores Sérgio Gadini e Karina Woitowicz contaram com a colaboração de vários pesquisadores da área, unidos nesta Rede.

Num dos artigos, “Folkcomunicação política”, o prof. Antônio Barros ensaia uma teorização ao campo, sem contudo tratar especificamente o “folclore político” publicado pelos jornais, blogs e sites brasileiros.

Segundo a Revista Internacional de Folkcomunicação, criada em 2003, link <http://www2.metodista.br/unesco/revistafolkcom/Revista.pdf> autor este novo campo de estudos foi sistematizado por Luiz Beltrão, ao formular a teoria da Folkcomunicação, em sua tese de doutoramento, em 1967, na Universidade de Brasília como “o processo de intercâmbio

de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”, pág. 82

Outro estudioso do campo, Roberto Benjamin, no artigo “Folkcomunicação política na literatura folclórica brasileira”, também historia o início destes estudos, afirmando que Beltrão, baseou-se:

“...especialmente, na obra de Renato Carneiro Campos (*Ideologia dos poetas populares do Nordeste*) sobre os folhetos populares e em artigos do jornalista Clóvis Melo, publicados no jornal *Folha da Manhã*, da cidade do Recife. Referindo-se aos livros de sortes diz:

“Ao contrário dos almanaques, os livros de sortes tratam, claramente, de assuntos políticos, registrando os fatos e criticando-os, chegando mesmo a tomar partido. (...) Quando a ocorrência política é de tal monta que sacode a opinião pública, o livro de sorte dela se ocupa largamente, dedicando-lhe, por assim dizer, toda a edição”.

Antecipando-se à formulação da teoria, e servindo de referência para a sua sustentação, encontram-se na literatura folclórica registros e análises sobre a temática política das manifestações populares de natureza comunicacional. (Beltrão, 1987, pg. 6)

Na ocasião, Beltrão defendia a posição de que, além dos jornais, esta prática se fazia também através de folhetos populares, cartilhas, frases em parágrafos de caminhões, cordel eleitoral, grafites e pichações apócrifas.

E podem também estar refletidos em expressões de arte como a escultura, o carnaval, as festas populares, salões de humor gráfico,

“Como uma espécie de conflito de classes, onde os “oprimidos” – à moda de Paulo Freire – castigam os “opressores”, através de ironias, comentários e representações artísticas.” (Beltrão, 1987, pg. 6)

E mais adiante sugere Barros que

“Apesar disso, Beltrão fez questão de enfatizar que seu conceito de

Folkcomunicação, com forte viés político, não se caracteriza pelo antagonismo de classes. A esse respeito, ele próprio afirmou “**não se pode confundir** folkcomunicação com comunicação classista”.

Apesar de reconhecer o caráter contestador de várias manifestações populares estudadas por ele, prossegue: “Os grupos populares analisados têm capacidade de integração na sociedade, apesar de não concordarem com suas ideias dominantes.” Em sua visão, esses grupos são culturalmente marginalizados e contestam a cultura dominante, mas não de forma classista. “Eles contestam por exemplo as crenças dominantes na sociedade, as religiões e a moral estabelecidas” (Beltrão, 1987, pg. 6)

Na mesma direção, mais recentemente, aparece a obra de Paulo de Carvalho Neto (*O folclore das lutas sociais*), além da anteriormente mencionada obra de Renato Carneiro Campos, esta ainda que limitada à literatura de cordel produzida na zona-da-mata de Pernambuco. A pesquisadora Ruth Brito Lemos Terra (*Memória de lutas*) levantou, também na literatura de cordel, um repertório abrangendo o cangaço (crônica e imaginário), as salvaçãoes no Norte (na primeira República, levantes populares contra oligarquias locais), a sedição do Juazeiro (sedição liderada pelo político cearense Floro Bartolomeu, com o apoio do Padre Cícero Romão Batista):

Agora caros leitores
prestai-me toda atenção
do governo os horrores
devastam todo o sertão.

Um exemplo extraordinário da introspecção da ideologia das classes dominantes nas manifestações populares, anteriormente estudadas em relação ao cordel por Fausto Neto (*Cordel e a ideologia da punição*), é o caso do folguedo cuja variante alagoana é chamada de quilombo e a variante sergipana de lambe-sujo/caboclinho, que retrata a destruição do Quilombo dos Palmares e a sujeição dos quilombolas à escravidão, documentada por Theo Brandão (*Folguedos natalinos de Alagoas*) para a variante Alagoana e

por Felte Bezerra (*Etnias sergipanas*) e Paulo de Carvalho Neto (*Folclore sergipano*) para a variante sergipana. No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Luís da Câmara Cascudo diz que o auto

“baseia-se nos episódios de destruição de quilombos, feita pelos capitães-do-mato, muitos deles portadores de sangue indígena, que chefiavam seus guerreiros mamelucos.

(...)

Samba negro

branco não vem cá;

Se vinhé torna a vortá ” (CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962, 795p. p. 415)

Há também no livro “Mitologias”, do francês Roland Barthes uma avaliação de que a realidade material nunca pode ser dada como certa, impondo seus significados aos seres humanos. E mais:

A realidade é sempre construída e tornada inteligível ao entendimento humano por sistemas culturalmente específicos de significação. Esse significado nunca é “inocente”, já que possui algum propósito particular ou algum interesse oculto que a semiologia pode revelar.

E mais adiante defende que:

“Nossa experiência nunca é pura ou “inocente”, porque os sistemas de significação atestam que essa experiência é inteligível” (STRINATTI, pg 113)

Deste ponto de vista, percebe-se que o caráter da “inocência” não faz parte do jornalismo sob a ótica do folclore político. Ele é sempre provocador, insinuante, e por vezes cruel, contra quem uma nota ou informação crítica está a se referir.

A COMUNICAÇÃO BOCA A BOCA

O repertório da comunicação em marketing político no Brasil contém histórias onde a comunicação informal teve grande repercussão. Este tipo de atividade, aparentemente inocente, tem, na verdade, prenúncios de uma ação de planejamento estratégico em comunicação muito bem feita e articulada. Há várias histórias sobre o desempenho deste tipo de comunicação em campanhas eleitorais.

A primeira vez que ouvimos falar no assunto foi durante uma campanha para a Prefeitura de Campinas/SP, em 1996. Na disputa estavam os deputados Chico Amaral, PPB e Célia Leão, PSDB. Com o crescimento da candidata dos “tucanos”, Amaral autorizou já no primeiro turno, seus correligionários a espalharem vários boatos sobre a candidata, informando, através de conversas em ônibus, táxis, filas de bancos, salões de cabeleireiros, entre outros, que a candidata “não era paraplégica”, “que quando chegava em casa saía da cadeira de rodas e andava normalmente”, que “era autoritária e zangava-se sempre com a empregada, com os filhos, o marido” ... enfim, histórias que iam se reproduzindo e contribuindo para a construção de uma imagem negativa da candidata. Que perdeu a eleição naquele ano! No primeiro turno Amaral teve 169.655 (261.370 votos no segundo turno) e Leão teve 90.104 (136.313 no segundo turno), conforme dados do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo na época.

Este estudo deve ser compreendido como uma maneira de reconhecer e trazer à tona a discussão sobre como a comunicação política em localidades de pequeno, médio ou grande portes devem lidar com fluxos de

informação e boatos espontâneos que surgem, muito provavelmente, pela comunicação informal, intencional ou não, mantida nos grupos sociais e propagada pelos formadores de opinião, levando as pessoas a mudarem sua intenção de voto.

São abordados conhecimentos teóricos a respeito do marketing e da comunicação, bem como da forma como agem na comunicação política e como a comunicação boca a boca está situada nessas duas áreas do conhecimento humano. Como objetivo geral o estudo visa determinar estratégias de comunicação boca a boca para ações de marketing político.

A expressão “*Word of mouth*” ou “boca a boca” surgiu nos Estados Unidos e, segundo Emerich (1998), foi adotada pelos profissionais americanos da comunicação para designar a divulgação espontânea e informal que as pessoas fazem de um produto ou serviço para outras pessoas. É uma das formas de divulgação mais antiga, já existente mesmo antes da comunicação ter se estruturado como disciplina de marketing.

Os precursores da propaganda oral foram os vendedores que percorriam com suas carroças no velho oeste americano e no Brasil os mascates, que percorriam os interiores em lombo de burro para vender os mais variados produtos.

Muito tempo antes disso, já existiam indícios da eficácia da comunicação boca a boca em meio à civilização Inca, mesmo antes da chegada dos portugueses e espanhóis ao continente americano. As dimensões do império Inca surpreendem pelas barreiras à locomoção e à comunicação, isso se agravava sobremaneira pela ausência da roda e todos os transportes eram feitos por lhamas ou homens.

A unidade e integração do império Inca residiam na comunicação segura e eficaz que se dava pelos corredores ou carregadores (chasques). Esses corredores cobriam cerca de 72 quilômetros por dia, o segredo estava no fato de que eles eram treinados desde a mais tenra idade para executarem este tipo de tarefa. O que deve ser ressaltado é que as informações e comunicados eram verbais, já que não conheciam a escrita, e sempre transmitidas de um corredor para o outro, em itinerários pré-determinados. Corriam até o seu limite físico, dia e noite sem parar, passando as

informações para outro corredor descansado, sempre em pontos pré-determinados do caminho que eram as pousadas.

Na dissertação de mestrado que defendeu na ECA/USP, sobre esta temática, Rogério Tineu faz também importante revisão de literatura sobre o tema, dando dimensão teórica ao assunto e mostrando como a comunicação boca a boca pode ser considerada como sendo aquela que é realizada por meio das palavras, dentro do contexto do consumo e ocorre entre amigos e parentes, tendo na figura do líder de opinião um forte influenciador.

Segundo Tineu, conforme Lovelock e Wright (2001, p. 303)

enquadram a comunicação boca a boca nas comunicações pessoais, na qual estão incluídas as vendas pessoais, atendimento ao cliente e treinamento. Os autores definem a comunicação boca a boca como: “comentários positivos ou negativos a respeito de um serviço feito por um indivíduo (normalmente um cliente atual ou anterior) para outro”. Lovelock e Wright (2001, p. 303)

Mais adiante Tineu, cita Ikeda (1997, p. 153) para quem a comunicação boca a boca é definida da seguinte forma:

“A comunicação boca a boca é a transmissão informal de informações de uma pessoa a outra e pode apresentar tanto aspectos positivos como negativos para a empresa que for afetada por ela. A comunicação boca a boca é confiável porque vem de líderes de opinião, membros de família, amigos e outras fontes não relacionadas oficialmente com as empresas”. (Ikeda (1997, p. 153)

E completa que a definição de Ikeda é completa, pois abrange o caminho percorrido pela

mensagem e se ela é formal ou não (transmissão informal de informações de uma pessoa a outra). Em outro trecho a autora, diz que a mensagem pode ser positiva ou negativa em relação a quem se fala ou sobre o que se fala. A mensagem é confiável e de fonte segura ao recep-

tor, pois o emissor é um líder de opinião ou formador de opinião, um parente, amigo, especialista ou outras pessoas sem envolvimento oficial com a empresa ou produto que se tornou notícia, informação ou mensagem no processo de comunicação boca a boca. (Ikeda 1997, p. 153)

Tineu cita ainda Middleton e Clarke (2001, p. 77) em seu texto falam sobre os canais de comunicação no processo de compra e a importância da referência de parentes e amigos neste contexto, que eles chamam de “word-of-mouth”. Demonstrando, portanto, que o boca-a-boca é uma forma de comunicação.

E, por fim, cita Swarbrooke e Horner (1999, p. 276) utilizam-se da expressão *word-of-mouth* e a caracterizam como sendo uma ferramenta promocional:

“Word ofmouth is considered to be the most poweiful promotion too...” Ou seja, interagem com a Comunicação os seguintes elementos: pessoal, pessoal, propaganda formal ou informal, promoção de vendas e treinamento, família, trabalho, clube, igreja, entre outros.” (Swarbrooke e Horner 1999, p. 276)

O PIONEIRISMO DE SEBASTIÃO NERY

O jornalista Sebastião Augusto de Sousa Nery nasceu em Jaguaquara, Bahia em 8 de março de 1932 (hoje com 82 anos) é um jornalista , político brasileiro e um dos fundadores do campo do que denominamos hoje de Folclore Político. No prefácio de sua obra completa, intitulada “Folclore político, 1950 histórias”, define seu trabalho como “folclore não é a história, é a versão popular dela” E, mais adiante que o “humor é uma linguagem absolutamente séria, necessária e eterna”.

Seu primeiro livro sobre Folclore Político foi publicado em 1973 e ainda discutindo dimensões teóricas sobre o campo que acabara de inaugurar no país, afirmava que “o Folclore Político a gente nunca sabe o que é verdadeiro e o que é inventado”. Ou como definiu o jornalista Joel Silveira, prefaciando a obra de Nery “ ele é um contador do estilo francês da *petit historie*, a história com “h” minúsculo.”

Estudou num seminário em Salvador na Bahia e depois foi a Minas Gerais onde estudou direito e ciências sociais, iniciando-se no jornalismo como repórter de “O Diário” ligado à arquidiocese de Belo Horizonte. Filiou-se ao Partido Socialista Brasileiro, depois ao Partido Comunista Brasileiro e foi exercendo, paralelamente, as atividades de jornalista e ativista político, tendo sido eleito para os cargos de deputado estadual e federal, já então sob a orientação de Leonel Brizola, no PDT, Partido Democrático Trabalhista. Trabalhou em vários jornais : Diário Carioca, Tribuna de Imprensa, Última Hora, Folha de S.Paulo e Rede Bandeirantes, onde sempre atuou como comentarista político e foi colecionando as histórias do seu livro mais famoso e paradigmático.

Desde que publicou seu primeiro livro sobre o tema, em 1973, Nery não parou mais de investir nas pequenas histórias, com temas engraçados sobre os políticos. De lá até 2002, frequentou vários jornais brasileiros com elas. Da “Folha de S.Paulo”, “Tribunas de Imprensa”, “Última Hora”, “Correio do Povo”, entre outros, passando por uma apresentação na Televisão, através da Rede Bandeirantes, onde apresentava suas historietas e fazia comentários políticos, Nery percorreu outros jornais importantes, fez palestras e participou ativamente da política.

Disponível na internet, http://books.google.com.br/books?id=LT-c6MpZwpM4C&pg=PA239&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false

nas livrarias, bibliotecas e sebos, o livro foi lançado em diversas cidades brasileiras. Tem prefácios, nas suas várias edições assinados por Millor Fernandes, Joel Silveira e José Neumane Pinto.

Sua estrutura é trabalhada em historietas divididas pelos Estados brasileiros e seus principais personagens do flocloro político, normalmente presidentes, governadores, prefeitos, senadores, deputados, vereadores e figuras populares por onde passou e recolheu as historietas.

As ilustrações são de Henfil, Nassara, Lan, Fafi e Osvaldo Pavanelli.

Entre os seguidores deste estilo está o consultor político Francisco Gaudêncio Torquato do Rego, que transmite, via *internet*, as suas “Porandubas”, também transformadas em livro.

Pesquisando no universo virtual, percebe-se que no mundo acadêmico, através das suas sociedades científicas especializadas no campo, Intercom, Folkcom, Politicom, entre outras, não há ainda um artigo científico ou uma sistematização mais adequada sobre o campo. Nem sequer a sua qualificação como obra jornalística, gênero jornalístico ou similares.

Com esta coletânea, Nery deixa marca importante para um dos campos de maior índice de leitura, a história política, contada com bom humor. Pelas suas características, pela brevidade com que é contada, pela sequência dos registros e seus personagens, acaba compondo um conjunto bastante chamativo para leitura e reflexão. Este tipo de nota fica sempre muito mais interessante quando acompanhada de um outro parceiro: o

humor gráfico. No livro ou nas edições originais das historietas, Nery e outros autores do campo, sempre estão lado a lado com humoristas gráficos: chargistas, caricaturistas, cartunistas.

Do ponto de vista editorial, não há como negar esta parceria bem-sucedida.

O COLUNISMO POLÍTICO

Ao participar do 7º Folkcom, Congresso Brasileiro de Folkcomunicação, o então presidente da INTERCOM, Antonio Hohlfeldt, publicou o artigo denominado “A imagem da política e dos políticos na perspectiva da folkcomunicação: Uma abordagem exploratória”, publicado pelo Anuário de Comunicação da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, UNESCO/UMESP, no qual discorre sobre o jornalismo político e a charge, como questões ligadas ao que se denomina internacionalmente como “*fait divers*”. Desse artigo extraímos o pensamento do pesquisador gaúcho sobre a questão do colunismo político, suas possibilidades e dimensões.

A coluna está na origem do jornalismo opinativo. A coluna política, principalmente. Ela era, originalmente, um espaço, largo, por vezes ocupando toda a edição do jornal, comentando e julgando os acontecimentos políticos. Editava-se o jornal tendo em vista tal perspectiva. Isso se deveu à prática da paginação vertical, em que as matérias eram dispostas de cima para baixo, da esquerda para a direita, segundo a orientação da leitura ocidental. Com o tempo, ela foi se condensando e cingindo-se a um espaço menor, sobretudo a partir do momento em que os jornais deixaram de ser apenas doutrinários e ganharam maior feição informativa. Hoje, a coluna é parte de uma página, reduzida, concretizada através de um ou mais comentários e alguns tópicos informativos que antecipam acontecimentos, graças às fontes de que disponha o pro-

fissional. A coluna, assim, passou a ser, além de um espaço, um subgênero do jornalismo opinativo, com diferentes padrões e características. (HOLFELDT, A., Artigo citado , p. 10).

A coluna política – ou sobre os bastidores da política – é uma das mais prestigiadas, certamente porque, como explica George Fox Mott, *o público quer saber os fatos por trás das notícias*, sobretudo em situações de crise. O papel das fontes, aqui, é fundamental: delas depende a chamada informação *off the record* que, muitas vezes, é recebida, para conhecimento do jornalista, sem que ele possa, contudo, num primeiro momento, utilizá-la. Ou, ao contrário, ele possui a informação, que poderá divulgar, sem identificar, contudo, a fonte. Nesses casos, indica-se apenas genericamente a existência de uma *fonte fidedigna*, por exemplo. O bom jornalista depende desse tipo de fonte, mas, como bem adverte John Hulteng, há que se ter cuidado em sua utilização, porque ela pode também servir de *balão de ensaio* ou, de outro modo, pode ser uma *informação plantada* por determinada fonte com objetivos pouco confessáveis, de que o jornalista se tornaria instrumento inocente.

De qualquer modo, a coluna caracteriza um jornalismo mais personalizado, cuja dialogação com o leitor é mais direta. Ela se constitui, assim, numa arte e numa técnica. Por isso mesmo, a coluna é, hoje, parte essencial do jornalismo contemporâneo, chegando mesmo a se constituírem páginas especialmente dedicadas a ela (em geral, a página 4, com os editoriais e os artigos de colaboradores), além daqueles espaços que se espalham ao longo da publicação. Avalia-se a importância de um jornal pela quantidade de colunas, em especial de colunas políticas. A coluna, por seu lado, é garantia de leitor e de interesse, na medida em que o colunista, por seu texto mais personalizado, gera identificações com os diferentes leitores: ela é assinada e seu responsável, de certo modo, ao mesmo tempo em que ganha prestígio junto ao leitor, transmite esse mesmo prestígio ao órgão. O processo inverso também é considerado: ao ser contratado por um veículo prestigioso, o profissional

recebe, por empréstimo, tal prestígio que, depois, vai ou não confirmar, através de sua atividade. (MOTT, et alii - *Political affairs create news in New survey of journalism*, Nova York, Barnes & Noble.1957, p. 167)

O colunista deve ter qualidades específicas. Em primeiro lugar, pleno conhecimento da área em que atua, garantindo credibilidade. De outro lado, originalidade e habilidade criativa são fundamentais para manter o interesse. Muitos colunistas chegam a manter uma equipe que trabalha para si, de modo a garantir amplitude e variedade de informações, as quais são depois selecionadas, confirmadas ou não, reproduzidas e comentadas.

A coluna tem uma relação direta com a formação da chamada *opinião pública*, mesmo que esse conceito, como quer Martin Vivaldi, seja difuso e complexo. *Que é a opinião pública e onde se encontra?* - pergunta-se ele, para responder, logo adiante:

entendemos não uma opinião unânime de todos e de cada um dos componentes do corpo social, mas sim, designamos por opinião pública a uma espécie de eco natural, de ressonância mais ou menos acorde e espontânea aos fatos entre os homens. Não é a opinião pública a opinião de cada um - pois então seria opinião individual - nem a de todos. É, como dissemos, uma espécie de consenso coletivo sobre certos problemas que provocam nas pessoas uma determinada atitude mental (MOTT, George Fox et alii - *Political affairs create news in New survey of journalism*, Nova York, Barnes & Noble.1957,p. 142).

Martin Vivaldi acrescenta que

é muito rara - para não dizer impossível - uma opinião pública generalizada. Existem, sim, certos estados de opinião, certas situações de opinião, em certos momentos da História e em alguns estratos sociais (VIVALDI, Gonzalo Martin - *Géneros periodísticos*, Madrid, Paraninfo.1973, p.141 e ss. p. 142).

Reconhece, ao mesmo tempo, que *o homem é um ser que comenta*, ou seja, que tem opinião e que, por extensão, gosta também de saber e conhecer a opinião dos demais, com os quais confronta suas próprias posições. O colunista, assim, assume uma responsabilidade eminentemente social, fundamental no jornalismo contemporâneo.

Também a charge tem uma história antiga. A caricatura pode ser exercida através do texto, e daí, basta lembrar-se inclusive o surgimento de um gênero literário específico, entre os romanos, a chamada *sátira* ou *satura*. Enquanto imagem, contudo, tal como é mais conhecida hoje em dia, ela se torna possível a partir do momento em que a evolução tecnológica permitiu a reprodução gráfica para além da composição da tipografia. Ela gerou uma popularização do jornal. A caricatura *glosa e comenta* um acontecimento, e o faz, enquanto *charge*, como a expressão o indica, carregando em seus traços. Foi por volta de 1830 que, com o surgimento de La caricature, deu-se início a esse tipo de prática jornalística. Não por um acaso, a caricatura ou a charge aparecem, muitas vezes, nos grandes jornais, na mesma página em que se situam os editoriais.

A atual caricatura não se limita ao desenho, sempre exagerado, que reproduz traços e ações do caricaturado. Ela pode se valer de montagens gráficas e colagens as mais variadas e tem o sentido explícito de ridicularizar, satirizar ou criticar. A caricatura, assim, por natureza, é de oposição, é do contra. Ela teve presença importante na história da imprensa brasileira, bastando lembrar-se periódicos como O carcundão, de Pernambuco, de 1831, provavelmente o pioneiro entre nós, além de Lanterna mágica, no Rio de Janeiro, de 1844, ou O Cabrião, de São Paulo, que, a partir de 1864, revela a criatividade de Ângelo Agostini, um dos mais importantes de nossos caricaturistas, sem nos esquecermos do Barão de Itararé, Fernando Aparício Brinkerhoff Torelly, mais conhecido como Aparício Torelly, que infernizou a história do jornalismo brasileiro, com seu Almanhaque, a partir de 1949, depois de ter participado de A manha, que integra, intermitentemente, desde 1925, até 1958 (SSÓ, Ernani – *Barão de Itararé*, Porto Alegre, Tchê. 1984.

O PRIMEIRO GRANDE DOCUMENTO SOBRE A HISTÓRIA E O FOLCLORE POLÍTICO DA CIDADE DE PIRACICABA , A PASQUINADA DE 1823

Na tese de doutorado, defendida em 1998 na Universidade Metodista de São Paulo, sobre “A trajetória do Jornal de Piracicaba (1900-1997), sob a orientação do prof., José Marques de Melo, Adolpho Queiroz mostrou que os antecedentes da história da imprensa em Piracicaba remontam aos dias entre 8 de março a 18 de abril de 1823. Naquela ocasião, uma série de cinco pasquins, manuscritos, apócrifos e distribuídos de mão em mão, denunciando a luta de cidadãos comuns contra as forças políticas da então Vila Nova da Constituição, nome que se dava à cidade naqueles tempos, para a ampliação da rua Boa Vista – atualmente denominada Alferes José Caetano – entre a rua do Concelho – atualmente Rua Prudente de Moraes – até o salto do Rio Piracicaba.

Esta série, que teria originado o primeiro crime de imprensa na cidade, está atualmente sob a guarda do arquivo do Fórum “Francisco Morato”. A série teve o seguinte desenvolvimento: o primeiro número tinha como título “Quem defende a transição da Rua da Boa Vista”; o segundo pasquim dizia “Quem tem chamado o Brandão de pichorreiro”; o segundo pasquim afirmava “Por causa de que papéis foram o Brandão e o Teles a Itu”; no quarto número a polêmica prosseguia sob o título “Para o lado de quem os dois ferreiros abriram princípio de rua” e no quinto e último exemplar, publicava-se o “Hino ao Pichorreiro e aos Dois Ferreiros”.

Este quinto exemplar do pasquim tem sido objeto de diversas considerações na imprensa local, como o principal antecedente sobre a história da imprensa na cidade. Naquela edição, o “Hino ao Pichorreiro

e aos Dois Ferreiros”, era composto por vinte e uma quadrinhas, entre as quais um estribilho que se repetia por sete vezes durante o hino/provocação.

Tem-se ampla informação de que, por conta das calorosas discussões para a promulgação da primeira Constituição do Brasil, especialmente na cidade do Rio de Janeiro e em algumas capitais, os pasquins, como objeto de comunicação, denúncia, esclarecimento ou debate apaixonado, eram mais frequentes e assíduos. Mas, como lembra Percin, “ ... no Vale Médio do Tietê, o fenômeno é raro”.

A edição desta série acabou se configurando no primeiro crime de imprensa de Piracicaba com a abertura de um inquérito no mês de abril de 1823, ordenada pelo então Juiz Ordinário, José Manuel Bueno, que teve um despacho positivo do Ouvidor pela Lei Bento Paes de Barros, de 11 de abril de 1823, tendo sido convidadas a depor 36 testemunhas, cujos nomes e depoimentos constam no processo original.

Os versos desta quinta edição, disponível para consulta, na visão de Percin,

“Eram versos mal redigidos e deselegantes... evocando um momento onde a

tônica dominante era dada pela primeira Constituinte, em tumultuado processo de elaboração daquela que deveria ser a primeira Carta Magna do país... os versos deste último e único exemplar conhecido denotam os ingredientes básicos de todo pasquim, a inconformidade perante uma determinada situação ou conjuntura política, induzida ao protesto picaresco, a irreverência, a comunicação se processando em exageros de linguagem descabida, carregada de erros grosseiros do idioma e da gramática, veiculando intimidação e ameaças veladas ou declaradas.” (PERECIN, M.T.G, idem, pgs. 137/138.)

O último pasquim da série, apareceu especialmente numa taverna localizada na praça central, denominada “Venda do Fogo”, local onde paravam os tropeiros e ponto de encontro para grandes conversas e beberagens.

Os pasquins foram escritos, segundo se supõe, por militantes do Partido dos 40 Coligados, políticos de origem absolutista, que compunham a oposição na Câmara Municipal da época e se contrapunham ferozmente aos liberais. Os “40 Coligados” tinham sido derrotados nas eleições de 1822 e nos versos endereçados aos populares que pleiteavam o prolongamento da Rua Boa Vista, manifestam sua irritação pela iniciativa vinda de pessoas simples do povo. Segundo Percin,

“ ... eles manifestavam sérios ressentimentos, invocando privilégios de nobreza mais antiga e enraizada, com o crédito de relevantes serviços prestados no passado.... Parecia-lhes insuportável a interferência dos liberais em questões plebeias que lhes prejudicavam os interesses materiais” (PERECIN, M.T.G., idem pg. 159)

A iniciativa de solicitar à Câmara de Vereadores o apoio para ampliar a rua – para tanto, rompendo uma cerca feita pelos então proprietários da área – coube a um grupo de cidadãos, profissionais de ofícios comuns na época como ferreiros, ceramistas, carpinteiros. Estes cidadãos queriam não só expandir os seus negócios, como construir casas e alargar as fronteiras comerciais da cidade.

O processo original aponta onze cidadãos como sendo vítimas dos versos caricaturais : João Manuel Carneiro Brandão, branco, 62 anos, ceramista; Francisco Telles Barreto, branco, 50 anos, ferreiro; Sebastião Leme da Costa, branco, 86 anos, carvoeiro; Antônio Leme da Costa, branco, 56 anos, pequeno produtor agrícola; Salvador Leme, pardo, produtor agrícola; Ignácio de Almeida Lara, alcaide da Vila e agricultor; Romão Alves de Oliveira, branco, 42 anos, comerciante de molhados, taverneiro dono da Venda do Fogo; Francisco José de Souza, pardo, 21 anos; Salvador Alvares Fragoso, branco, 46 anos, lavrador; Antônio de Campos Bicudo, branco, 42 anos, negociante; Desidério José Luís da Motta, branco, 25 anos, carpinteiro.

Segundo ainda Percin,

“Concluindo: destes onze, conhecemos a naturalidade de nove, dos

quais apenas um declara ser nascido em Piracicaba. Destes mesmos onze, constatamos que oito eram eminentemente “vítima urbanas”, os três artesãos (oleiro, ferreiro, caraopina), os dois negociadores, o alcaide e os dois que “viviam das suas agências”, embora estes três últimos também tivessem interesses rurais. Dos três agricultores, dois deles, pai e filho, possuíam interesses urbanos como fornecedores de carvão e certos trabalhos de ferraria. Porém, lembramos que Piracicaba, a exemplo das Vilas da época, possuía um estilo de vivência urbano-rural.” (PERECIN, M.T.G., idem, pg. 142)

E aponta também, como suspeitos por terem escrito e distribuído os pasquins, o Tenente Coronel de Milícias Theobaldo da Fonseca e Souza, engenheiro (no sentido de ser proprietário de engenho) e latifundiário, um dos políticos mais influentes no Partido dos 40 Coligados; os irmãos Carlos José Botelho e Alferes Manuel Joaquim Pinto de Arruda, igualmente Coligados, donos de engenho e proprietários de terra, ligados à nobreza colonial da época; Francisco José Machado, tabelião e escrivão da Câmara, de 25 anos; Antônio Sampaio de Barros, era sacristão da igreja e proprietário da “Venda do Fogo”.

Entre 24 de abril e 27 de maio, o então Juiz Ordinário, Manoel de Toledo e Silva, ouviu várias testemunhas e estudou o caso, sem contudo encontrar provas suficientes, além do disse-me-disse e do ouvi dizer, visto que entre os acusados ficava difícil a apresentação de uma prova concreta, para os parâmetros de avaliação da época. Em sua sentença final, Toledo Silva conclui afirmando que “Não procede a culpa de pessoa alguma!”. Fato confirmado três anos depois pelo Ouvidor Geral e Corregedor, Dr. Antônio de Almeida Silva Freire da Fonseca, que em 15 de setembro de 1826 afirmou “Julgo nula esta devassa por falta de prova!”

A primeira sentença, contudo, transferiu aos responsáveis pela solicitação e iniciativa de ampliar a Rua Boa Vista, os custos processuais da ocasião, o que, segundo Percin,

... restou aos peticionários, além dos dissabores e do pagamento

das despesas atribuídas aos onze, ao Brandão coube a advertência da 19^a. Quadrinha, ao Telles e ao Leme da Costa as advertências da 20^a quadrinha. Humilhações. Não foi tudo. Às aspirações dos populares, o Direito das Gentes e à cidadania, contidas e espezinhadas, ainda restaram pendentes ameaças de violência a consumir-se no futuro. De sua ousadia em ser Povo nada sobrou, se não o ridículo dos versos na caricatura de um pasquim e o registro da memória” (PERECIN, M.T.G, pg. 168)

Como registro, aqui transcrevemos o “ Hynno ao pichorreiro e aos dois ferreiros”

Não vai adiante a nova rua que os intrigantes querem abrir	Ao Pelourinho vão amarrados e ali todos sejam surrados	Por que o Monarca quer tudo em paz e não perdoa tal mão obrar	Deverão ir bem amarrados quando os outros foram levados
Lá mais convém Constituição de a tal gente dar-se atenção	Estes bêbados aqui vieram e boas mostras de si cá deram	Ao Pelourinho vão amarrados e ali todos sejam surrados	A vil perrada só a chicote jamais se emenda de outra sorte
Ao Pelourinho vão amarrados e ali todos sejam surrados	Sua contenda foi decidida ou viver quietos ou perder a vida	Nunca se viu que aguazis possam ter visto onde há Luis	Ao Pelourinho vão amarrados e ali todos sejam surrados
Viestes a Itu fazer a cama dos camaristas daquela Câmara	Ao Pelourinho vão amarrados e ali todos sejam surrados	São pés de chumbo estes malvados que ali vivem tão disfarçados	Cuida do barro oh! Pichorreiro que é de onde tiras dinheiro

Mas o Despacho Eles prometem Ao Pelourinho E vós ferreiros
que alcançastes assim obrar vão amarrados da maldição
por ser tão bom ou hão de cumprir e ali todos vão malhar ferro
o não mostrastes ou desertar sejam surrados e fazer carvão

Ao Pelourinho
vão amarrados
e ali surrados
estes malvados.

DA PLATEIA, ESPECTADOR; NO PALCO, ATOR E AUTOR

Cecílio Elias Netto

Tudo começou aos meus 16 anos. Eu já escrevia – considerando-me grande poeta – desde os meus oito anos de idade. O primeiro poema foi para Shirley, tão criança quanto eu, que eu imaginara fosse a Mestiça, do livro de Gilda de Abreu, lido às escondidas. Shirley era a mestiça, minha mestiça. Da “pele cor de jambo”, olhos esverdeados como esmeraldas. Não sei se a inventei, se ela existiu mesmo. Sei, no entanto que – apaixonadamente – escrevi para ela, deslumbrado com a Lua:

“Lua bunita que alumia o jardim,
Num leve a Shirley embora de mim.”

Estes monumentais versos – que me fizeram, a mim próprio, considerar-me um novo Homero – acabei levando-os aos lábios de um personagem sofrido em meu romance “Bagaços de Cana”. Quando o escrevi – o romance – minha carreira já deslanchara. Meus primeiros escritos – no então curso ginásial – eram enviados, aos jornais, pelos professores de português e de literatura. Adolescente, passei a ser considerado – na pequena cidade dominada por coronéis e descendentes de barões – “Menino de Ouro”. As portas dos dois jornais da cidade – naqueles 1950s – foram abertas para mim. E, timidamente, entrei. Para nunca mais sair. Tanto assim que, aos 20 anos, tornei-me redator-chefe da Folha de Piracicaba; aos 21, diretor; aos 22, dono. Parecia ser um destino. Se foi ou não, nunca descobri. Mas não consegui escapar dele. E o tal “Menino de Ouro” se tornou o decano da mesma imprensa neste 2014.

Lá se vão, pois, 58 anos de vivência nesse universo ao mesmo tempo má-

gico e doloroso do jornalismo. Toda a segunda metade do século passado, acompanhei-o. E eis que me vejo já na segunda década de um outro milênio. Olhando pelo retrovisor da memória, quase não acredito nisso. Mas consegui manter vivos – nas lembranças e nos sentimentos – acontecimentos, dramas, tragédias, comédias, tragicomédias, tristezas, alegrias, decepções e, muito especialmente, as profundas e aceleradas mudanças que ocorreram.

Quando o Evaldo Vicente e o Adolpho Queiroz – que me envaideço de tê-los parido para o jornalismo, meus filhotes de redação – me convidaram para remexer no baú de nossa história e, dele, retirar pérolas escondidas de nosso folclore político, fiquei lisonjeado, mas temeroso. Pois comecei, a mim mesmo, questionar-me se teria, realmente, havido humor ou se, nestas décadas todas, apenas fizemos amargas sátiras para vencer o conservadorismo quase pétreo, a sisudez, o ranço de uma sociedade forjada pela cultura do Império?

Confesso não ter, ainda, chegado a uma conclusão. E que estudiosos mexam e remexam nesta história. De minha parte – e insisto em falar em impressões, em percepções – tenho certeza de que ao meu início, em 1956, o que havia era um jornalismo formal, padronizado, bem comportado e até mesmo austero. O humor extravasava-se em folhetos e boletins espalhados pela cidade, em especial por duas personalidades – estas, sim, folclóricas – de Piracicaba: o genial Líbero Rípoli, irmão do famoso Romeu Ítalo Rípoli, e o temido Belmiro Morro Grande. Ambos – Líbero e Belmiro – eram rechaçados por suas famílias, tidos como párias. No entanto, tinham uma tão ácida agudeza de observações e de críticas que a nata da sociedade, “*la crème de la crème*”, ficava em pânico ao simples temor de se tornar alvo dos dois folhetinistas, ácidos panfletários. Eles não perdoavam nem mesmo os seus parentes.

Foi Líbero Rípoli – líder na revolução de 1932, íntimo de poderosas personalidades políticas de sua época – quem chamou o próprio irmão, Romeu, de “pardal devorante da Cidade Jardim”. A qualificação grudou à vida política deste último, conhecido por suas aventuras amorosas, ganhão de alta periculosidade. Como “pardal devorante”, Romeu Italo Rípoli nunca conseguiu ir além da vereança em Piracicaba.

As pechas, invencionices, toda a criação de um folclore político acontecia nas ruas, nos botequins, nos bares, nos jardins. Pois os dois jornais locais até 1961 – “Jornal de Piracicaba” e “Diário de Piracicaba” – eram recatados, sisudos, polidos. Foram jornais vinculados às instituições mais conservadoras, como a Igreja Católica, o Rotary Club, depois o Lions Club, a Santa Casa de Misericórdia, a ESALQ e, também e paradoxalmente, a Maçonaria. O “Jornal”, de família tradicional, de pai para filho; o “Diário”, do maior grupo empresarial da região, os Dedini, os Morganti, os Ometto. Como escapar a esse círculo de ferro?

Ao final da década de 1940, chegou a Piracicaba, um homem que iria revolucionar o aspecto gráfico do jornalismo local. Seu nome: Sebastião Ferraz. Ele era tipógrafo de origem. No entanto, um profundo conhecedor de administração de jornais, de paginação – como então se se referia a “design” gráfico – um autêntico autodidata. Ferraz pouco escrevia, mas tinha grande sensibilidade jornalística. Contratado para dirigir o “Diário de Piracicaba”, ele responderia, também, pelo desafio de dar novas feições e modernidade ao jornal dos Dedini-Ometto-Morganti.

Sebastião Ferraz exigiu que se comprassem maquinários mais modernos e, como exemplo, surpreendeu a todos ao substituir a velha máquina plana de imprimir por uma rotoplana. Para a época, foi uma revolução. Mais ainda: Sebastião Ferraz – um “*bon vivant*”, boêmio – rejuvenesceu, também, a redação, abrindo espaço para jovens aspirantes ao jornalismo. O “Diário de Piracicaba” passava a fazer contraponto ao vetusto e conservador “Jornal de Piracicaba”, ponto de encontro de uma elite cultural de formação clássica. Estávamos no pós-guerra, Piracicaba ansiando – tal qual o mundo – por novos modelos, por liberdade, por frescor de vida.

Foi Ferraz quem criou – naquele pós-guerra – duas importantes colunas de crítica social e política: “Por trás das cortinas”, satirizando os bastidores das reuniões camarárias de Piracicaba; “Cactus – Sem flores, sem frutos”, a mais provocante coluna da época que, na verdade, era escrita por um então jovem e iniciante jornalista, José A.B. Camargo, o Zé ABC. O “Diário” – como contraponto ao vetusto e tradicional “Jornal de Piracicaba” – estimulava jovens talentos, dando-lhes oportunidades.

Obviamente – por pertencer a poderosos empresários no ramo sucoalcooleiro – o “Diário de Piracicaba” estabelecia seus limites. Mas era ousado, inteligentemente participante, pois Sebastião Ferraz – vindo das camadas mais humildes da população – tinha sensibilidade social, ainda que com grandes ambições de escalar a sociedade piracicabana. Sua vida boêmia e, de certa forma, desregrada já era um estímulo para as ousadias dos jovens jornalistas da época.

A grande novidade nos 1960s foi, sem dúvida, o surgimento complexo, confuso, contraditório do jornal “Folha de Piracicaba”. Foi inaugurada no dia 1º. de maio de 1961. E seus proprietários – políticos e empresários descontentes com a atuação dos dois antigos jornais – eram milionários, novos ricos, correligionários de Luciano Guidotti, a estrela política daquela década.

O tiro saiu pela culatra. Em poucos meses, a “Folha” revelava um novo caminho, surgido pelo acaso. Fui convidado a participar de sua fundação desde o início, então aos meus 20 anos. Crises intensas levaram o primeiro diretor a se afastar, o jornalista Waldemar Arruda. Por sugestão de um brilhante jornalista – Luiz Thomazi – a sociedade indicou-me para a direção, aos meus inexperientes 21 anos e vindo da militância da juventude comunista. Era um paradoxo, uma contradição em termos: um jovem, egresso do Partidão, dirigindo um jornal de comendadores.

O rompimento foi quase imediato, com graves conflitos entre os acionistas. Quase todos desfizeram-se de suas ações, alguns doando-as ou vendendo-as por preços absurdamente baixos. Assim, aos 23 anos, eu me tornara “dono de jornal”, ainda que pequenino e sem recursos. Nascia, porém, uma nova geração de jornalistas, jovens que aprendiam por si e entre si mesmos. E a linha editorial era de uma radicalidade por assim dizer absurda: “ser contra”, estar na “oposição”.

Entre aqueles jovens, um também jovem professor – Og Pessotti – inventou de criar uma coluna humorística denominada “Bola Branca”. O sucesso foi imediato e a classe política ficou inquieta. “Bola Branca” satirizava tudo e todos. Og Pessotti – tido como maluco – era de uma genialidade irradiante. Mas irresponsável. E eu – como dono e diretor – muitas vezes não percebi ironias, sátiras e até mesmo maldades do Og.

Um dos casos que mais agitou a cidade – criando-me problemas sérios – foi quando “Bola Branca” usou uma frase que, para mim, me pareceu simples, até mesmo sem imaginação: “Em Piracicaba, quem é cego se torna Presidente da Câmara”. Ele se referia ao prof. Manoel Rodrigues Lourenço, o Mandi. A reação do povo foi imediata e surpreendente: telefonemas indignados, pessoas revoltadas. E eu, sem entender o porquê daquilo. Até que, para minha surpresa, me contaram: o prof. Lourenço era cego de um olho...

Em outra oportunidade, para enfrentar o gorducho Bento Dias Gonzaga – deputado e candidato a Prefeito – resolvemos martirizá-lo. Ocorreria que Bento – o Bentão, como era chamado – fora flagrado em verdadeira bacanal na zona do meretrício. E todos os boatos se espalharam, alimentados, também, por seus adversários. Dizia-se que Bento tinha sido fotografado nu. Então – na coluna “Bola Branca” – resolvemos infernizar-lhe a vida. Encontramos a foto de um atleta fortíssimo, gordo, levantador de pesos. E, dia a dia, publicávamos um pedacinho da perna nua, dos pés até chegar ao tronco: E perguntávamos ao leitor: “De quem são essas canelas? De quem são estes joelhos? De quem são estas coxas?” Bentão entrou em pânico, pois ele próprio não sabia em que condições houvera sido fotografado. E, finalmente, apresentamos o atleta de corpo inteiro. “Enganamos um bobo na casca do ovo” – foi a legenda. E Bentão perdeu a eleição.

O político e duas vezes prefeito Luciano Guidotti é um ícone em Piracicaba. Foi, realmente, um governante diferenciado. Não tinha qualquer educação formal, mal sabia ler. Mas era de uma inteligência privilegiada, um dínamo para trabalhar, homem de visão que, da extrema pobreza, amealhou uma fortuna impressionante. Suas gafes eram constantes. E se criou todo um folclore político em torno dele. Alguns “causos”:

a - Entrosamento – Luciano, como presidente também do XV, financiava a equipe, comprava o passe de quantos jogadores lhe pedissem, fazia jorrar dinheiro nos cofres quinzistas. Mas o time ia de mal a pior. Luciano cobrou o técnico que lhe explicou estar, ainda, faltando entrosamento para o time. E o comendador não teve dúvida: “Por que, então, não compra esse raio de entrosamento? Quanto custa?”

b - As freiras - Jovens freirazinhas do Pensionato para moças foram ao gabinete de Luciano solicitar que ele fizesse, como prefeito, reformas caríssimas nas instalações da casa. Luciano regateou, regateou; as freiras insistiram, insistiram. E Luciano explodiu: “E no rabinho, vocês não querem nada?”

c - Chico Buarque - Luciano Guidotti nasceu em Avaré. Quando Chico Buarque veio a Piracicaba, apresentou-se ao prefeito: “Muito prazer, Chico Buarque de Hollanda”. Luciano respondeu ao cumprimento: “Prazer é meu, Luciano Guidotti, de Avaré.”

d - As Oropas - Luciano amava viajar com sua mulher, dona Amélia. Retornando de longa viagem à Europa, foi entrevistado por jornalistas bauladores que queriam saber de suas experiências. Respondeu: “Gosto mais de Piracicaba. Aqui tem coisa nova, tamo fazeno coisa nova. Na Oropa, só tem coisa véia, antiga...”

e - O bidê - Antes do golpe militar, as rivalidades políticas piracicabanas eram terríveis. Difamações, gozações, ofensas. Luciano Guidotti - quando concluiu sua desejada Fonte Luminosa no centro da cidade - levava convidados para vê-la. E dizia: “Não parece o bidê do Bentão?”

Com o golpe militar de 1964, uma das primeiras vítimas, obviamente, foi a imprensa nacional. São poucos os analistas, historiadores e críticos que - no entanto - avaliam o que tenha sido exercer o jornalismo no Interior, onde a comunidade é uma grande família. Criticar um é, na realidade, criticar multidões. E as pressões são muito mais próximas, visíveis, palpáveis, identificáveis.

A “Folha de Piracicaba” - já sem recursos - foi boicotada logo nos primeiros dias após o golpe militar. Éramos, aqueles jovens, vistos como subversivos, perigos à “Pátria amada, salve, salve” A “Folha” não resistiu e determinei o seu fechamento. Mas também não desisti e acabei - em parceria com Sebastião Ferraz - propondo àquela elite econômica adquirir o “Diário de Piracicaba”, que se tornou “O Diário”. Não é este o espaço para se escrever sobre aquela epopeia, a respeito de uma geração de moços que, realmente e sem qualquer falsa modéstia, foram verdadeiros bastiões da liberdade em Piracicaba. Dois dos autores deste livro - Evaldo Vicente,

Adolpho Queiroz – iniciaram, ainda adolescentes, suas caminhadas naquele terreno minado de lutas e de perseguições. E muitos outros, que se tornaram profissionais brilhantes tanto no jornalismo quanto em outras atividades.

“O Diário” tornou-se o centro, também, do humor político de Piracicaba e do jornalismo local. Há que se marcar com respeito e admiração a criatividade de um outro jovem da época, bancário de profissão, Roberto Antonio Cera, criador da página “Recados” e um dos idealizadores, junto com Ermelindo Nardin, do Salão de Humor, dentro do próprio O Diário. Cera, o Cerinha, inspirou-se nas “Dicas” de “O Pasquim” e, com outros jovens, criou a página de humor mais lida daqueles tempos. Os colaboradores eram cáusticos, inteligentes, habilidosos e, em meu entender, é essa página, “Recados”, um dos grandes baluartes da resistência de jornalistas e intelectuais durante a ditadura, na região de Piracicaba. Como poucos, eles viveram e exerceram o “*Ridendo Castigat Mores*”.

E há mais, muito mais. Tanto que apenas um livro não comportaria a riqueza do folclore político, do humor de uma terra e de um povo que sempre souberam – apesar de adversidades – viver a mais sábia das experiências: rir de si mesmos. Que surjam, pois, novas obras como esta.

AS PROVOCAÇÕES DO “CAPIAU” NO A TRIBUNA PIRACICABANA E DE ERASMO SPADOTTO NO “JORNAL DE PIRACICABA”

Com larga tradição no campo da história da imprensa e do humor gráfico, a cidade de Piracicaba/SP sempre deu ênfase às “histórias verdadeiras e inventadas”, ao jeito de Nery, que lhe deram muito o que falar no campo do folclore político.

Na atualidade, três grandes personagens continuam a cultivar – à sua maneira – o campo do folclore político. De um lado, o diretor o jornal “A Tribuna de Piracicaba”, Evaldo Vicente, com a coluna “Capiau”, sempre editada na primeira página do seu periódico e o cartunista Erasmo Spadotto, chargista do “Jornal de Piracicaba”. Em outros momentos, o cartunista/chargista/caricaturista ilustrava as matérias numa das sessões mais lidas (e certamente mais polêmicas) daquele jornal, com sua obra artística. E de outro, incansável, o jornalista Cecílio Elias Netto, com a sua “A Província”, jornal digital, que tem sido igualmente grande difusor na cidade dos princípios sobre o folclore político com suas notas sempre ácidas e bem-humoradas, na sessão “Fundo do Baú”, quando o jornal era impresso e espalhadas pelo site, hoje, no jornal digital.

A coluna “Capiau”, um diminutivo carinhoso que se dá ao substantivo “caipira”, ou só neologismo criado pelo folclorista piracicabano João Chiarini “caipiracicabano”, surgiu em 2007, em substituição à coluna Grafite, que tinha também este perfil. O Capiau de Piracicaba é, assim, no jornal A Tribuna Piracicabana, um símbolo do caipiracicabano, aquele que gosta de fazer fofocas políticas, até comentar da vida alheia, e conta com uma equipe de oito jornalistas e políticos, além do próprio diretor, jorna-

lista Evaldo Vicente. Os “informantes” têm a segurança da privacidade, mas acabam descobrindo que, se a reunião só foi do prefeito com mais dois, quem teria passado a informação? Conta o Capiiau de Piracicaba, portanto, desde 2007 com colaboradores de peso, que estão distribuídos entre todos os gabinetes dos Poderes Legislativo e Executivo, passando por mínimas fofocas no Judiciário.

Já Erasmo Spadotto é hoje, após 20 anos colaborando diariamente com o “Jornal de Piracicaba”, o maior provocador do riso político na cidade, com sua produção incessante e contínua, com seu repertório mágico e sempre bem-vindo. Criador do personagem “Capivaras”, publicadas em tiras diárias pelo “A Tribuna Piracicabana”, tornou-se um grande crítico das questões locais, nacionais e internacionais. Para isso utiliza-se de um personagem criado quando da aparição de centenas de animais que passaram a viver nas cercanias da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” e depois espalharam-se pelas margens do Rio Piracicaba, trazendo com elas o carrapato estrela, perigoso à saúde pública e elementos fundamentais para a criação das historietas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creemos que, ao concluir este livro, inserimos a cidade de Piracicaba, com seu amplo repertório de críticas políticas no cenário da bibliografia sobre os usos e costumes no campo da política. Este volume apenas inicia, o que esperamos, seja um ciclo mais amplo – assim como o de Sebastião Nery, precursor do campo – sobre pequenas historietas, malvadas, mal comportadas, castigando com o riso os costumes políticos.

Por sua tradição na questão da oralidade e pelo privilégio de possuir um dialeto próprio, o “caipiracicabano”, a cidade notabilizou-se também na construção deste imenso campo de estudos que é o folclore político. Ele está nas origens do nosso jornalismo, como se pode ver no “Hynno ao pichorreiro”, do século XIX.

Damo-nos por satisfeitos em sistematizar, de forma pioneira, um trabalho desta natureza. Na certeza de que há outras histórias para contar, outras dimensões teóricas a explorar.

Sua dimensão teórica, passando pelos campos do gênero jornalístico, pela conceituação pioneira de Luiz Beltrão sobre o campo da folkcomunicação, pelos estudos mais recentes sobre a comunicação boca a boca ou os “línguas de trapo” da atualidade e abrindo-se para explicitar as contribuições originais ao campo, dadas por Sebastião Nery e Gaudêncio Torquato, ainda está por ser melhor dimensionada.

As notas que selecionamos para esta edição, certamente vão repor ao cenário político da cidade, região e país, alguns elementos que circulavam livremente no contato boca a boca pela cidade. Mantida com zelo, carinho

e paixão pela velha guarda do jornalismo da cidade. Que lamenta profundamente a falta de humor dos nossos políticos atuais.

Hoje equipados e protegidos por equipes de comunicação, improvisam menos, falam de forma mais criteriosa, são de nível social diferenciado, agem com prudência, mas sem causar o frisson dos comentários de Loginho, Rípoli, Ditinha Penezzi, Bera e a aguçar os alimentadores destas colunas.

Contudo, como advertiu em entrevista que nos deu, o jornalista Joacir Cury, que passou pelo Jornal de Piracicaba e hoje é editor da Gazeta de Piracicaba, há um componente novo contra o jornalismo que, certamente intimidou este subgênero: quem se sentir ostensivamente criticado pela imprensa, “ferido em sua honra” etc e tal, constitui advogado, entra na Justiça e ela determina se humores e doces brincadeiras podem ser transformadas em penas legais e, mais do que isso, pecuniárias.

E, ao final, repetindo o jargão dos velhos contadores de histórias, “... e quem quiser que conte outra!”. Continuaremos atentos aos políticos de Piracicaba, da região e do país. E, quem sabe numa próxima incursão, aos deslizes cometidos além-mar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS

BARROS, Antônio Teixeira de. Folkcomunicação política, in *Noções básicas de folkcomunicação*, Editora UEPG, Ponta Grossa, 2007, pg 82.

BELTRÃO, Luiz. Luiz Beltrão: a folkcomunicação não é uma comunicação classista.

(Entrevista). *Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, v.10, nº 57.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, 266p. (Coleção Comunicação, 12).

BENJAMIN, Roberto, *FOLKCOMUNICAÇÃO POLÍTICA NA LITERATURA FOLCLÓRICA BRASILEIRA*. Trabalho apresentado em palestra proferida durante a *VIIª Conferência Brasileira de Folkcomunicação*, realizada no Centro Universitário Univates (Lajeado-RS), entre os dias 13 a 16 de maio de 2004. Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Presidente da Comissão Nacional de Folclore.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962, 795p. p. 415.

CARRADORE, Hugo Pedro. *Folclore do Jogo do Bicho*, Edição do A Tribuna Piracicabana, Piracicaba, 1979.

GADINI, Sérgio e WOITOWICZ, Karina Jan (orgs). *Noções básicas de folkcomunicação, uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões*. Editora UEPG, 2007.

FAUSTO NETO, Antônio. *Cordel e a ideologia da punição*. Petrópolis: Vozes, 1979. 164p

HOLFHELD, Antonio “A imagem da política e dos políticos na perspectiva da folkcomunicação: Uma abordagem exploratória”, Anuário de Comunicação da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, UNESCO/UMESP, 2004

NERY, Sebastião. Folclore político, 1950 histórias. Geração Editorial, São Paulo 2002.

http://books.google.com.br/books?id=LTc6MpZwpM4C&pg=PA239&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false

PERECIN, Marly Therezinha Germano, “Os versos chinfrins e o crime de ser povo em Piracicaba”, in “Notícia Bibliográfica e Histórica”, Editora da PUCCAMP, Campinas/SP, ano XXVIII, número 161, abril/junho de 1996, pg. 139.

QUEIROZ, Adolpho. A trajetória do Jornal de Piracicaba, 1900/1997, E-book, Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, Programa de Pós Graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, 1998, acervo.

Revista Internacional de Folkcomunicação, <http://www2.metodista.br/unesco/revistafolkcom/Revista.pdf>.

SPADOTTO, Erasmo, Capivaras, SEMAC, Prefeitura de Piracicaba, Editora e Gráfica Riopedrense, 2013.

STRINATI, Dominic. Cultura popular, uma introdução, Editora Hedra, São Paulo, 1999.

TINEU, Rogério. As influências da comunicação informal na promoção de localidades turísticas. 2002. 232 f. Dissertação (Mestrado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

TORQUATO, Francisco Gaudêncio. Porandubas <http://www.gt-marketing.com.br/?cat=7>.

NOTAS SOBRE O FOLCLORE POLÍTICO PIRACICABANO

ANOS 30

Matraca – A revolução constitucionalista de 1932 teve suas histórias bem contadas por vários dos seus integrantes. Sem munição e com muito frio no Vale do Paraíba, os piracicabanos eram mantidos à base de álcool puro (não havia cachaça para aquecê-los) e de uma matraca, inventada por um ex-professor da Esalq, que simulava tiros, e que eventualmente enganavam o exército vindo do Rio de Janeiro.

Memória política – A cidade de Piracicaba, tão culta e politizada, que ofereceu à república, seu primeiro presidente civil, Prudente de Moraes e grandes lideranças que “pularam as barrancas do Rio Piracicaba” e foram trabalhar em São Paulo, Brasília e outros grandes centros políticos, não tem um memorial para seus políticos. Uma homenagem singela é a Galeria dos Ex-Prefeitos, no Centro Cívico municipal. Onde foram parar os arquivos de Salgot, Luciano, Cássio Padovani, João Herrmann? Onde estarão os guardados dos políticos mais recentes? A cidade não mereceria um Museu da sua própria memória política? Taí um tema que o Capião gostaria de ver a cidade discutir.

Carteiro – Do ex-presidente Prudente de Moraes, ainda hoje é possível conferir no museu que leva o seu nome, cartas aos correligionários, no final do século XIX, pedindo apoio através de votos e dinheiro para sustentar sua campanha. Visto com os olhos de hoje, o que Prudente fazia, hoje é tido como crime eleitoral. Prudente ficaria rubro se, com a sua ingenuidade lá detrás, visse, ouvisse e participasse dos acontecimentos políticos de hoje.

ANOS 50

Ademar de Barros – O ex-governador de São Paulo, célebre por ter recebido a alcunha inicial do “rouba mas faz”, depois incorporada por Paulo Maluf e outros tantos, certa vez veio participar de um comício em Piracicaba, na praça central. E como novidade, mandou vir da capital um balão inflável – do tipo que se usa hoje em publicidade – com o seu nome gravado. No meio do comício ouviu-se um estrondo. Ademar olhou pro alto e gritou “Furaro o meu balão” ... Até dia desses, pouco antes de falecer, o advogado dr. Bento Dias, o Sinhô, guardava em seu escritório na rua Boa Morte, o cartucho com o qual “furou” o balão de Ademar.

Piracicaba ignora Ademar – Filho de cafeicultores de São Manoel, Adhemar de Barros viveu sua infância na rua Boa Morte esquina da Ipiranga, onde havia um antigo casarão, demolido e transformado em estacionamento. Piracicaba fala pouco do filho ilustre, cujo jeito de governar foi immortalizado com o slogan “rouba, mas faz!”. Será por isso o esquecimento?

Luís Dias Gonzaga – Ao tempo do então prefeito Luís Dias Gonzaga, eis que um simpatizante, que morava no Bairro Alto, próximo da antiga fábrica de bolachas Aurora, de nome Benedito, ofereceu a varanda de sua residência para um comício. No encerramento, Gonzaga disse “E tenho dito!” ao que o dono aflito do imóvel sugeriu “Continua prefeito ... continua prefeito ... eu não quero falar nada não !!!”

Apuração – Para este Capiau, continua a frase folclórica: “Doce de goiaba e eleição, só depois da apuração”. Doce ou amarga, essa é a realidade. O resto, para os candidatos, é sola de sapato, suor e saliva.

Apelidos – O folclore político registra nomes engraçados de jogadores de futebol. O XV de Piracicaba já teve seus “bichos”, Gatão (José Vicente Naval) e seu filho Gatãozinho; também teve seus “pássaros”, Biguá, Cardeal e Canarinho. E um Peixinho, que jogou no São Paulo e marcou o primeiro gol no Morumbi. O Jabaquara dos anos 50 teve Bode; o Guarani, Cabrita.

O vereador Cacareco - Nas eleições municipais de 1959, a cidade de São Paulo teve uma experiência peculiar. Cem mil eleitores votaram para vereador num rinoceronte chamado Cacareco. A candidatura foi acolhida e lançada pelo jornal O Estado de S.Paulo, através do jornalista Itaboraí Martins. Se a legislação permitisse, as Capivaras do Erasmo Spadotto bem que poderiam cumprir esta função em eleições futuras. Afinal, são mais conhecidas que o velho rinoceronte. E fazem um estrago danado!

ANOS 60

Nélio – O ex-prefeito Nélio Ferraz de Arruda assumiu a prefeitura com vontade. Adorava aparecer em fotografias. Reza a lenda que em dias de chuva forte, com raios e relâmpagos, sempre perguntava para a sua secretária se “são os fotógrafos chegando ????”

Histórias de vida – É comum vir à tona a história de vida de homens que prosperaram, economicamente ou politicamente, mas que começaram tendo dias difíceis. Hoje setentão, Toninho Faganelo, ex-prefeito, ex-vice, ex-presidente da Câmara e muito querido na cidade, começou seus dias de dificuldades dormindo em bancos de ônibus na empresa onde trabalhava. Quem te viu, quem te vê!

Lusinha – Antes de vir a Piracicaba, Frei Augusto Giroto iniciou sua vida pastoral lá pelas bandas de Santos, onde aprendeu a ser torcedor da velha Portuguesa Santista. Não perdia um jogo quando estava por lá. E acompanhava pelos jornais os dias de sofrimento da Lusinha.

Velhas histórias – Ex-político piracicabano, contou ao seu filho que um coronel do sertão, ao passar o comando de seus domínios para o filho, deu o seguinte conselho: – Meu rapaz, se queres ser bem-sucedido na política, cultiva estas duas verdades: a sinceridade e a sagacidade. – E o que é sinceridade, meu pai? – É manter a palavra empenhada, custe o que custar. – E o que vem a ser sagacidade? – É nunca empenhar a palavra, custe o que custar.

Maneco Mandi – O ex-prefeito de Piracicaba, Manoel Rodrigues Lourenço, o Maneco Mandi, fez parte de uma das primeiras duplas sertanejas criadas no Brasil, em 1910. Cantou pelo Estado de São Paulo afora, elegeu-se vereador, virou prefeito. Nunca deixou de cantar. Nem de pintar. Suas telas embelezam ainda hoje as casas de amigos e parentes.

Bicentenário – Por onde andam mesmo os marcos do bicentenário de Piracicaba? Construídos na administração do então prefeito Luciano Guidotti, às margens do Rio, na Casa do Povoador e no Estádio “Barão de

Serra Negra”, eles foram demolidos e sumiram. À época, Luciano dizia que eram marcos do “segundo bicentenário da cidade”, para alegria dos seus inimigos.

Sapato – Quando foi prefeito, o ex-vereador Homero Athayde certa vez passou apuros. A esposa tinha comprado alguns pares de calçados na “Porta Larga” e a nota chegou para ser paga pelo gabinete. Inquieto, perguntou a um funcionário de confiança, “mas onde ponho essa despesa?” ao que o interlocutor sugeriu: “põe na rubrica de calçamento!”.

Dois caixões – Vereador eleito pelo Partido Comunista, João Chiarini foi um dos grandes intelectuais e polemistas de Piracicaba. Sabedor de que suas palavras eram “venenosas”, brincava com os amigos que “quando morresse”, teriam que sepultá-lo em dois caixões. Num iria o corpo; noutro, a língua!

Lealdade é lealdade! – Sempre leal, o ex-presidente da Câmara dos Vereadores, Geraldo Bastos prometeu ao chefe do executivo da época, Luciano Guidotti, que venceria a parada a favor do prefeito naquela noite num projeto polêmico. Era ritual da Câmara atender ao pedido do presidente nas votações, diante do bordão “sentados aprovam, em pé rejeitam”! A única novidade tecnológica no período era a gravação das sessões num imenso gravador de fitas, modelo Akai. Na hora da votação, Bastos inverteu o bordão e pediu “sentados rejeitam, em pé aprovam!” Conferiu os votos e proclamou “aprovado” o projeto, para o susto dos opositores que tinham se unido contra a causa. O velho Akai foi a prova documental definitiva!

Cocada – Recatado e muito sério, o ex-prefeito Cássio Padovani não era muito afeito a saídas do gabinete. Preferia despachar por lá todos os dias, nos mesmos horários. Até que foi convencido a visitar a região do Chicó, pelos vereadores da época. Lá chegando, foram abordados num bar por um homem embriagado, que queria, porque queria, dinheiro para comprar uma lata de cocada. Sabido, Cássio fez um trato com o matuto. “Eu vou visitar a escolinha e te pago a cocada. Mas quando eu voltar quero ver a lata vazia”. O matuto aceitou sem pestanejar. Queria mesmo era uma cachaça. Meia hora depois quando voltou ao boteco, Cássio viu o

matuto suando que nem bode velho e ainda faltava meia lata para comer. Cássio não se fez de rogado. Sentou-se à mesa, puxou prosa e esperou o dito cujo limpar a lata até o último bocado. E saiu dali feliz com a sua própria esperteza.

Rei do pum - É atribuído ao ex-deputado e ex-secretário de cultura do Estado, João Pacheco e Chaves o epíteto. Invariavelmente, nas reuniões mais decisivas do partido, realizadas em sua casa na Chácara Nazareth, por estar à vontade, o velho Pachecão não economizava na flatulência. Para alegria dos convidados!

ANOS 70

Gafe – Durante a campanha das diretas-já, em Piracicaba, ao referir-se aos presentes à mesa em ato ocorrido no Salão Nobre da UNIMEP, o ex-governador Franco Montoro provocou gargalhadas na plateia quando cumprimentou o ex-deputado mineiro Pimenta da Veiga, chamando-o de “deputado Pimenta do Reino”.

Frima frima – Com essa expressão o ex-motorista de vários prefeitos, José Leite, chegava sempre ao gabinete pela manhã, mesmo que tivesse chegado tarde da noite a Piracicaba. Com sorriso no rosto, é um poço de segredos sobre a memória política da terrinha. Quem sabe uma boa pauta para o memorialista Nassif.

Fazeremos o que poderemos no segundo tempo – do ex-atacante do XV, Ditinho, no intervalo do primeiro para o segundo tempo do jogo entre XV e Santos, quando, com um gol dele, o time de Piracicaba venceu o alvinegro praiano.

Maluf – perguntado em Piracicaba, numa entrevista coletiva no hotel Beira Rio, se seria candidato a prefeito de São Paulo, o então presidente da Associação Comercial e Industrial de São Paulo saiu-se com essa: “Na muda, sabiá não canta!”

Similar – O então vereador Luís Antônio Rolim tinha uma deixa parecida, como quem guarnecesse o território político do velho MDB: “Em terra de macuco, nhambu não pia”!

Pastéis e fotos no Mercado – Tradição da cidade em períodos eleitorais: passar pelo mercado municipal, comer pastéis e tirar fotos que aparecem no material de campanha eleitoral. Este Capiáu não consegue se lembrar quem foi o pioneiro, mas já contabilizou os ex-governadores Montoro, Covas, Serra e o atual, Alckmin, entre os pasteleiros.

Frango – Convidado pelos estudantes da ESALQ, outrora muito ativos na política local, o então candidato Franco Montoro veio ao CALQ, aqui pertinho da Tribuna, na rua Voluntários, para lançar seu livro “Da demo-

cracia que temos para a democracia que queremos”. E usou um exemplo de economia que ficou clássico na época. Dizia Montoro que “Se eu como um frango inteiro e você não come nenhum, nós dois juntos, segundo a economia brasileira da moda, comemos meio frango cada um!”. Pode? Não pode.



Tempos heroicos: Prefeitos da cidade tiveram gestos heroicos distintos. Para o bem e o “não tão bem”. Salgot Castillon deitou-se sobre os trilhos da Sorocabana, na rua XV de Novembro, em apoio a greve os ferroviários. O trem parou perto dele. João Herrman pilotou um trator com o qual pretendia derrubar na marra monumento ao Soldado Constitucionalista, que ficava na praça central. Salgot sentou-se à frente do monumento por vários dias.

Desenvoltura – Tem sido destaque a atuação da primeira dama Selma Aguiar Ferrato no ambiente social da cidade. Recém-saída de um câncer

na mama, tem dado testemunhos de fé e de vida em vários ambientes públicos. E emocionado aos que participam. Lá atrás, quando Selma era funcionária de uma empresa financeira na Rua Governador, viveu um momento peculiar na vida. Foi surpreendida uma tarde, com a presença do ex-prefeito João Herrmann Neto com um sacão de moedas. Hermann tinha sido condenado numa ação contra o ex-Governador Paulo Maluf. Para pagar a multa imposta, pediu aos correligionários da cidade e do Estado, doações em moedas. Recebeu um montão e obrigou a Selma a contar uma a uma, trocar por dinheiro para que ele levasse ao banco para quitar a dívida. Era um gozador o velho João!

Apelidos – Muito usados na política partidária, alguns apelidos ficaram famosos e levaram alguns candidatos ao poder e à fama. Aqui em Piracicaba, os atuais vereadores Lenon e Madalena (assumiram os mandatos depois de várias tentativas). Antes dele tivemos Mugão, o José Ignácio Sleimann e o Arriba-arriba, Juan Sebastianes. Entre os prefeitos só um fica bravo quando lhe chamam de “Jarbas” ...



Apelidos famosos de personagens não reveláveis – Em tempos mais suaves, vereadores e jornalistas se autoapelidavam. Toninho Faganelo

apelidou um jornalista de “pula pula”, porque trabalhava em três jornais e emissoras de rádio ao mesmo tempo. Alceu Righeto dizia de certo vereador que ele era “gongórico”, o ex-professor foi questioná-lo sobre o termo. Riram e ficaram amigos. Tiquinho, aliás Haldumontd Nobre Ferraz foi grafado certa vez como vereador “petaurista”. Havia outro, que falava sem parar, foi apelidado de “o homem da cobra”. Vários receberam o mesmo apelido que o pessoal do Tiro de Guerra costumava dar a soldados molengas: “mocorongo”. Dias mais suaves, brincadeiras mais ingênuas.

Até que um dia ... – Hely de Campos Melges, tido como príncipe dos poetas de Piracicaba foi apelidado como “cabeça de pudim”, com direito a charge e tudo mais no velho Diário. Ficou enfurecido! Na charge publicada, havia uma cabeça grande sobre a qual o artista aplicou uma receita de pudim por cima. Ficou engraçadíssima, mas ele nunca mais deu entrevistas ao matutino.

Melancia nele! – O ex-prefeito João Herrmann Neto ao ser informado de que o ex-ministro e então candidato a deputado federal Delfin Neto viria a Piracicaba, visitar um jornalista da cidade, mandou dizer que atacaria a casa do jornalista e seu visitante com boas doses de pedaços de melancias. Delfin não veio! A melancia estragou.

Torneio Mão de Vaca – Políticos da terrinha estão organizando um torneio na internet para avaliar qual o político mais mão de vaca da cidade. Romeu Ítalo Rípoli, diz a lenda, apertava as mãos das pessoas e depois, discretamente, lavava-as com álcool. Mendes Thame também tem um caderno cheio de estratégias sobre como driblar pedintes, especialmente se forem do campo político. O mais novo no time, o vereador André Bandeira, que costuma dar “tchau” com a mão fechada.

99...100! – O ex-vereador Geraldo Bernardino, o Berinha, lá de Santa Terezinha, certa feita pediu para um dos seus assessores acompanhar seu discurso na tribuna, apontar as falhas e erros cometidos. Após o discurso o vereador foi ter com o assessor e perguntou: “e aí, cometi muitos erros? ”, ao que o anotador respondeu “99”. Bera então respondeu: “cruizcredo! ”. Ao que o interlocutor respondeu “agora são 100”.

Exigente – O grande professor de português, jornalista e vereador Be-

nedito de Andrade, era também exímio cozinheiro. Só que tinha lá suas manhas. Exigia que as esposas dos amigos para quem ele iria cozinhar, deixasse o frango (sua especialidade) sempre de molho, de um dia para o outro, para que a carne ficasse mais suave. Outra exigência, cerveja Antarctica.

Exigente 2 - Outro ex-vereador bom de cozinha era o farmacêutico João Sachs, que comandava um dos mais famosos “Clubes do Bolinha” da cidade, que se reunia semanalmente para apreciar sua culinária e bom humor.

Tradição - A tradição dos jantares exclusivamente masculinos foi, por bom tempo, herança dos ranchos de pescaria que existiam à beira do Rio Piracicaba. Entre lambaris e cachaça, maridos explicavam para as esposas que era compromisso inadiável. Tempos em que também prevaleciam os encontros no Bar do Bigeto, do Tanaka e no bailão do Bidito. Hoje os churrascos que se seguem ao futebol society matou as “ranchadas”.

É **pique** - Outra figuração dos bons tempos da prefeitura era o oficial do gabinete, que também trabalhava com Matiazio e vivia “duro”. Luiz César Briganti, o “Baby”. Certa vez durante um jogo do XV de Novembro em Piracicaba, eis que o quinzão marca um gol e todos comemoram... inclusive um dos sujeitos, umas fileiras adiante dele, a quem ele devia algum dinheiro. Após o gol, a cobrança em alto e bom som: “E aí Baby, então como é que é? ”, ao que o ladino logo respondeu, bem-humorado: “É pique, é pique, é pique, pique, pique”

ANOS 80

Vereadores e Deputados – Conhecido como o “maior quiabo” da política local, pelo seu jeitão escorregadio, o ex-vereador e depois deputado estadual Francisco Antônio Coelho, do MDB, hoje tem seu nome lembrado no plenário da casa. Dois outros vereadores chegaram a Assembleia Legislativa depois dele: Ari Pedroso, também pelo PMDB e Roberto Moraes, hoje no PPS. De Pedroso, Moraes guardou a lição: Pedroso abandonou o rádio e perdeu as eleições seguintes. Moraes tem feito um esforço gigantesco de ir e voltar a São Paulo todos os dias para manter sua base eleitoral no rádio. Outros tentaram, mas nenhum, depois deles, conseguiu sair da Câmara Municipal e ir para a A.L.



Mil votos - A estreia de Gabriel Ferrato na política foi “longe” de Barjas Negri. Mostrando habilidade, conduziu a candidatura de Eduardo Suplicy, então candidato a deputado federal pelo velho MDB a ter mais de mil votos na cidade, no final dos anos 70. A política saía dos livros e ia para as ruas.

Dedo mandão - Faz parte da tradição popular dizer-se que as mulheres que possuem os dedos dos pés maiores que o “dedão” é porque mandam/vão mandar nos maridos pelo resto da vida. Observando certa feita “o dedão” da ex-vereadora Esther Rocha, um observador incauto cometeu esta observação na frente do marido da vereadora, o prof. Celso Rocha. Na base do *fair-play* Rocha saiu-se com a tradicional “lá em casa a última palavra é sempre minha: sim, senhora !!!” E desanuviou o ambiente. Belo casal.

Dos últimos - Prefeitos de Piracicaba, que este Capiáu se lembre, não passaram vexames como os ex-presidentes Jânio e Lula, aficcionados a uma “branquinha”, e mancheteados por isso. Adilson Maluf era um cervejeiro contido. João Herrmann gostava de um uisquezinho, mas em particular. Thame e Humberto eram lordes ingleses: só na base do chazinho. Machado, Barjas e Gabriel, remanescentes da turma do Bar do Décio, são cervejeiros. Mas não exagerados.



Nas Ruas – Adilson Maluf gostava dos carnavais nos clubes. Thame e Humberto, nem isso. João Herrmann aprontou num carnaval, na história que depois virou o “mar de lama de Piracicaba”, com direito a mordida na omoplata direita da secretária e tudo mais. Barjas era comissão de frente da Ekyperalta. E Gabriel foi porta estandarte da Caxangá.

Hoje em dia ... – Com todo mundo tendo máquinas fotográficas em seus celulares e com a possibilidade de postar fotos constrangedoras no FB imediatamente, este Capiau recomenda ao Srs. Políticos da terrinha: “Juízo”. E muito juízo neste carnaval. Pois além dos fotógrafos dos jornais espalhados pelas festas de rua e clube, o amigo poderá ser surpreendido por algum fotografo amador, que pode complicar sua vida depois disso!

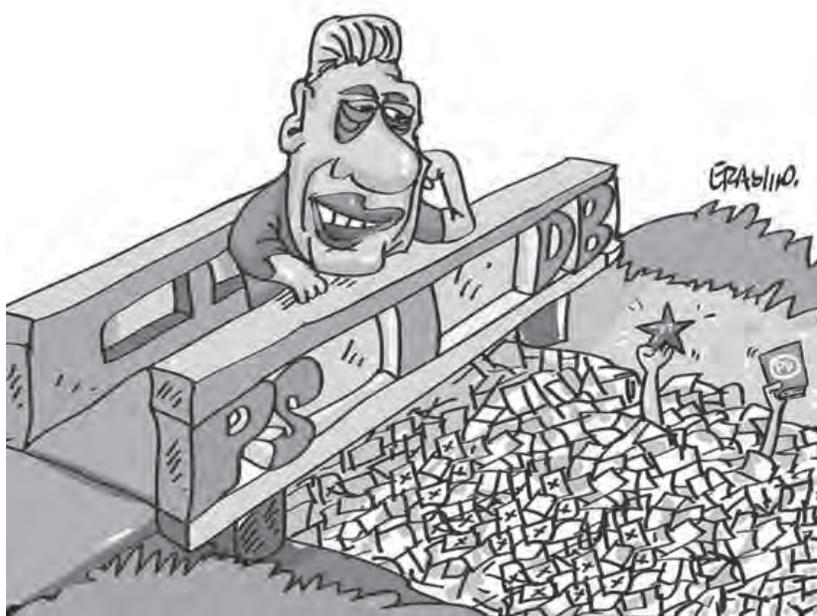
Pau Rolou... – Com o estribilho “Pau rolou, caiu; lá na mata ninguém viu...” o ex-prefeito João Herrmann Neto entrava nas rodas de cururu dos cancioneiros da cidade. Improvisava bem. Não como os poetas do cururu, mas não fazia feio. Vale lembrar que as rodas de cururu são retransmitidas pela Rádio Educadora, sempre nos domingos às 10 horas desde o Lar dos Velhinhos, onde os cururueiros reúnem-se para cantar a tradição.

Novo Pelé – Ao tempo em que presidiu o XV de Piracicaba, Romeu Ítalo Rípoli anunciou à cidade que traria de Goiás, o “novo Pelé”, para jogar no time da cidade. Dias depois apareceu com o meia esquerda Perrela, grande jogador, grande figura humana que mesmo depois de deixar o futebol, continuou apaixonado pela terrinha e não voltou mais para Goiás. Quem o viu jogar lembra-se com saudades das suas fintas, gols e a barriguinha proeminente que apareceu depois de tanto comer cuscuz na Arapuça do Hélio, na rua do Porto. Com cerveja, evidentemente!

Nacional Kid – Esse era o apelido do hoje estimado Jorge Akira, secretário de Trânsito e transportes da cidade. Inventado pelo seu primo Massao Outsubo ao tempo em que “Nacional” voava pelos lados do Cristóvão Colombo!

Fake no Face – A sacanagem de abril no *facebook* era o “fake” do prefeito Gabriel Ferrato contando piadas de mineiro. Quem conhece o prefeito sabe que, mesmo sendo brincalhão, nunca contou uma piada direito... nem falando, e muito menos escrevendo. E o prefeito tem lá tempo para

gastar com o FB contando piada de mineiro... vá lá sô !!!! Inda se fosse para comemorar o título de campeão antecipado pelo seu Santos, vá lá ... mas mineiro...



Em Piracicaba ... - O máximo que tivemos foram as reclamações, na base da brincadeira, do ex-vereador, ex-radialista esportivo e ex-deputado estadual, Ari de Camargo Pedroso: "Pamonheiro, eu? Sou pamonheiro não!!!!" Mudam os personagens, os anos, mas a temática permanece recorrente.

DR Gangorra - Este era o apelido de um dos políticos considerados mais "chatos" da terrinha. Candidato várias vezes a deputado, não passava dos 800 votos, até que lhe deram o apelido de "Dr Gangorra", pois quando ele se sentava, todos ficavam em pé e saíam discretamente do seu raio de manifestação.

O Rei da fanfarrá- Na transição entre aposentar-se como comandante do Tiro de Guerra e iniciar-se na política como vereador, o Capitão Gomes andou flertando como "mestre de bateria" da Caxangá, até que um dia,

depois de uma derrota da sua agremiação, um jurado qualificou a bateria, a escola, como “parecia com uma fanfarra”. Gomes espumava de raiva e, felizmente foi ser vereador!

A candidatura Naime – Enrolão como era, o ex-prefeito João Herrmann solicitou ao engenheiro Walter Naime que preparasse o seu curriculum político, pois apostava nele como candidato a deputado estadual pelo velho PMDB. Naime acreditou, fez um C.V. “tran-chan’ como diziam os antigos e entregou ao motorista de Herrmann, o sempre alerta Zé Leite, que perguntou a Herrmann, “Dotô onde eu ponho esse documento?” Ao que Herrmann, rapidinho disse “Joga no rio”! Nunca mais se soube da candidatura de Naime a deputado. Naufragou, literalmente.

Sucessor de Nhô Lica – Famoso personagem folclórico da cidade, Nhô Lica descia e subia pelas ruas de Piracicaba apanhando pedrinhas, que ao final da tarde invariavelmente depositava nos cofres de um banco (cujo gerente, percebendo as características psicológicas do depositante, nem discutia. Guardava!) Morto Nhô Lica, eis que encontraram-lhe um sucessor, um professor que vivia de apanhar parafusos, arroelas, tampinhas de garrafas, pregos e o que de “valor” houvesse nas ruas. Só não depositava nos bancos!

Despedida de solteiro – Dizem as más línguas, mas este Capiiau nem confirma, nem desmente, que importante figura pública da terrinha, ligada ao campo do Direito, na sua despedida de solteiro, bebeu um tanto, mas um tanto, que amanheceu abraçado a uma barra de gelo. O nome? O Capiiau não conta nem sob tortura!!!!

Língua de Trapo – Antes eles frequentavam as ruas, bares, consultórios médicos e odontológicos, lanchonetes, filas de banco, andavam de ônibus pra lá e pra cá. Eram os “línguas de trapo”, cabos eleitorais contratados pelos candidatos para difamarem os oponentes. Em recente eleição municipal, o candidato “A” espalhou que para um show popular contratado pelo candidato “B”, teriam que ser retirados os ingressos no escritório do candidato “B”. Foi uma loucura, com filas na porta por várias horas e a turma do candidato “B” tendo que se explicar que o show era gratuito ...



Boi voador - Nos primeiros meses antes das eleições de 2002 em Piracicaba, o então deputado Roberto Moraes aparecia nas pesquisas como favoritíssimo. Três empresários ligados ao campo da construção civil encontram-se num restaurante fino da terrinha e tem o seguinte diálogo: “Esse tal de Barjas ninguém conhece. Se ele ganhar até boi vai voar em Piracicaba!” Numa mesa próxima, o Capiáu ouvia e fazia contas. Pois não é que o “boi voou...”

Homem da cobra - Sabe aquele cara chato que quando você dá “bom dia” ele começa contar sobre a vida ... Pois é, aqui em Piracicaba, pelo que descobriu este Capiáu, esse tipo de gente também é conhecida como “o homem da cobra” ... por que fala ... fala ... fala ... Você conhece alguém assim?

Duelo Biológico - Cansado das asneiras ditas pelo então vereador Loginho na Câmara Municipal, que certa feita disse em plenário que iria lançar um “réptil” ao pronunciamento que acabara de fazer, o sempre

elegante vereador Messias Galdino, sem perder a compostura e o bom humor, disse-lhe alto e bom som: “Me lance um réptil que lhe devolvo um batráquio”. A sessão teve que ser suspensa por conta das risadas que demoraram um tempão.

Não SE oponho! – Um ex-delegado de ensino da terrinha, certa vez, interpelado pelos professores que lhe faziam uma proposta de reajuste salarial para ser encaminhada ao Governador, saiu-se com essa pérola: “Podem mandar. Eu não SE oponho!”

Osmir e os papagaios de pirata – Antes de virar sindicalista, presidente de associação dos funcionários, Osmir Bertazzoni era fotógrafo do extinto jornal “O Diário”. Sempre que tinha pautas a cobrir, que envolvessem políticos ele se irritava. É que junto com os personagens pautados vinham os caroneiros, que se insinuavam e ficavam próximos ao político para saírem na foto no dia seguinte. A expressão “papagaio de pirata” foi cultivada naqueles dias, para denominar os caroneiros que Osmir odiava levar a tiracolo em suas tarefas.

Nos braços do povo – Respondendo sempre pela entrega de jornais no JP e no velho O Diário, Laerte Zitelli, certa vez participou de um comício na Vila Rezende dizendo-se “ameaçado de morte” e criando comoção entre os ouvintes. Aproveitando-se da emoção, terminou o discurso dizendo, de mãos levantadas para cima “Se quiserem me matar, que me matem aqui, na frente do povo. Se eu cair pra trás, caio das mãos de Deus. Se cair pra frente, caio nos braços do povo!” Foi carregado em triunfo nos braços do povo. Com vida e elegeu-se com folga.

Prêmios – Enquanto nosso Salão de Humor de Piracicaba avança para mais de R\$ 50 mil em prêmios este ano, o Salão similar de Angoulleme, na França premia o humor gráfico com presentes inusitados. O primeiro prêmio é uma vaca, o segundo um porco e o terceiro, uma galinha.

O cheque – Conhecido por sua religiosidade e mão fechada, o ex-advogado Dr. João Basílio, por muitos anos procurador do município, recebeu certa feita um pedido de uma freira da cidade, que lhe pediu um donativo. Veio um dia, apanhou um envelope lacrado com o cheque dentro. Voltou no outro,

para um acerto: “Dr. João, o senhor esqueceu de assinar o cheque! “. Polido, ele lhe respondeu: “Como católico convicto, só dou contribuições anônimas! “ Deixando a pobre freira perplexa.

Lê cum lé, cré cum cré - Antológico no folclore político da terrinha por suas tiradas, o ex-vereador Eulógio Vieira Sobrinho, o Loginho, saiu-se com esta frase, certa vez, quando perguntado sobre um tema candente na Câmara dos Vereadores à época.

Farofódromo - Inaugurado em São Vicente em anos de altíssima temporada, com visitas de ônibus e mais ônibus que levavam turistas com frango e farofa para suas praias, o “farofódromo” está para mudar de lugar. Está para vir pra Piracicaba. Sabem onde? O Capiiau não conta por enquanto não! Vai que, de repente, vira Projeto de Lei na Câmara ... aí complica !!!!



Tiroteio – Essa é famosa no folclore político da terrinha. As emissoras de rádio da cidade transmitiam o enterro do então prefeito Luciano Guidotti quando os soldados do Tiro de Guerra deram uma salva de 21 tiros em homenagem ao prefeito, quando o caixão descia à sepultura. Ao que o intrépido repórter comenta: “Que absurdo senhores ouvintes, estão soltando rojões no enterro do prefeito. Que desrespeito !!!!”

Fundo do Baú – A pedido de uma professora da Rede Estadual, um dos alunos de uma escola de bairro atendeu à solicitação, escrevendo o nome do prefeito da época. Mais ou menos assim foi a grafia com o nome: “Joeramineto”. Traduzindo : João Herrmann Neto.

Ônibus dos chatos – Além da irreverente página dos “Recados”, o jornal “O Diário” tinha um hábito incomum nos finais de ano. Escolher motorista, cobrador e mais 40 integrantes do “ônibus dos chatos” de Piracicaba, que segundo as vontades do pessoal da redação deveriam ganhar viagem de “ida sem volta” da cidade. Até ser descoberta formalmente a brincadeira – e evidentemente desestimulada! – os líderes como motorista eram conhecidos pelas iniciais: Era uma risada só o anúncio... até que um dia o diretor do jornal descobriu !!!!!

A meia – Havia na cidade nos anos 80 um sujeito que estava todas as manhãs, tardes e noites em locais onde os fotógrafos dos jornais da cidade estariam. Ele “representava” uma entidade e, certamente, a si mesmo em todos os eventos. Conhecido “papagaio de pirata” daqueles dias. Até que em certa ocasião, após combinação com o editor, o fotógrafo Henrique Spavieri “cortou” o cidadão da mesa. No dia seguinte, logo pela manhã ele já estava na redação do jornal em busca de uma explicação. Na foto, saíram apenas os seus pés e meias ... o “italiano” esqueceu deste detalhe técnico e causou aborrecimentos ao seu antigo editor!!!

Antecedentes – Feliz com a chegada dos médicos cubanos, o vereador José Antonio Paiva não se esquece de que teve que hospedar duas jogadoras cubanas, cedidas pelo Comandante Fidel para o antigo time de basquete da UNIMEP. Quando faltava grana para o dia a dia, Paiva socorria-

-se do deputado João Hermann que lhe fazia longos sermões, aos moldes de Fidel, sobre o “socialismo piracicabano”. E ia embora sem deixar nada na “caixinha”.

Lição de marqueteiros – Aliás os manuais do marketing político insistem em “ensinar” os candidatos de que devem andar com os bolsos vazios. Sem um tostão. A cada pedido, a orientação é mostrar os bolsos vazios. E sugerir que o “pedinte” procure “fulano ou beltrano” lá no Comitê Eleitoral. Que sempre vem com a mesma história: “Hoje, infelizmente o candidato nos deixou por aqui de mãos vazias... mas passe amanhã, por favor”. Dão um cafezinho, um tapinha nas costas e despacham o cidadão. Que quando volta pela décima vez, entende finalmente o balão que levou e o recado.

O sifão – Um dos mais divertidos e inteligentes funcionários da Prefeitura, ao longo de todos os tempos, certamente foi o Luiz Matiazo. Chefe de gabinete de vários prefeitos, iludia e driblava a todos com o seu bom humor, sempre irreverente. Certa vez, premido por algumas dívidas e tendo que vir trabalhar a pé na prefeitura, na região central da cidade, Matiazo ia desviando dos estabelecimentos onde devia. Ele mesmo brincava que tinha que vir trabalhar, fazendo um “sifão” nas ruas, para desviar dos cobradores!

Profissões e política – Curiosidades que este Capião tem anotado: os três candidatos à presidência da República deste ano são economistas: Dilma, Aécio e Eduardo, com formações específicas nos seus Estados, seguem a tradição de José Serra, que tentou, tentou. Na mesma linha, três economistas ocupam/ocuparam o Centro Cívico de Piracicaba, iniciando-se com José Machado, depois Barjas Negri e agora Gabriel Ferrato, todos oriundos profissionalmente da UNIMEP. Dentre os agricultores, destaques para Mendes Thame, Humberto de Campos e João Herrmann. Adilson Maluf continua engenheiro civil. Antes deles, os prefeitos de Piracicaba raramente tinham ensino superior, mas fizeram sucesso, como o comerciante Luciano Guidotti ou o diretor da Cipatel/Telefones, Cásio Padovani.



Medo de barata – Conta a lenda que o deputado Thame não é muito chegado às baratas. E que, quando foi assumir seu mandato pela primeira vez na Câmara dos Deputados em Brasília, encontrou um gabinete infestado pelas ditas cujas. Ainda diz a lenda que ele teria subido na mesa com medo de enfrentá-las. Mas este Capiiau acha que isso é lenda mesmo ...

Presidentes, governadores e ministros – Prudente de Moraes era advogado; Ademar de Barros, nascido aqui na terrinha em 22 de abril de 1901, virou médico; Hugo Leme, Carlos Duarte e Roberto Rodrigues, agricultores, viraram ministros da Agricultura.

Bendita Represa de Santa Maria – Ao ver as manifestações sobre a criação, implementação e as repercussões sobre o funcionamento da barragem de Santa Maria da Serra, este Capiiau lembrou-se da sua mais tenra infância jornalística, quando ainda repórter de “O Diário” foi acompanhar a delegação do governador Laudo Natel até Barra Bonita, para o anúncio da “construção da barragem, de Santa Maria”. Corria o ano de 1974 – já lá se vão 40 anos.

Barragem 2 – No dia seguinte, fui procurado pela filha do ex-prefeito Samuel de Castro Neves, vizinha do jornal, na rua Prudente de Moraes, aflita com a grande reportagem que fizera, perguntando quando as terras seriam inundadas. Repeti o Governador e disse: as obras começam na

semana que vem! Ela morreu de susto e disse que perderia muitas terras por lá. Passados 40 anos, o “Capiiau” vê que vão inundar o Tanquã e o escambau. Como já dei essa mesma notícia há 40 anos, já vivi o governo Thame, que também anunciou a represa para “depois de amanhã”, fico meio na moita. Será?

Buracão do Jairo – E também no meio da onda entre vai estiagem, vem chuva, vai apagão, vem escurão, lembrei-me de um anúncio salvador feito pelo ex-vereador Jairo Matos, ao tempo em que propôs a criação de um “buracão para armazenar chuva em Piracicaba”. Celso Pita e Paulo Maluf roubaram a ideia anos depois e construíram os piscinões em São Paulo. Jairo fica verde de ódio quando relembra este episódio.

Fundo do Baú 1 – O ex-vereador Haldumondt Nobre Ferraz, o Tiquinho, sempre foi um bom articulador político, mas era ruim de discurso. Certa vez, num comício em Santa Terezinha, local onde antigamente havia fábricas de corda, à base de uma planta chamada “pita”, entusiasmou-se e começou “Povo de Santa Terezinha, povo da terra onde abunda a pita” ... Foi uma gargalhada geral.

Fundo do Baú 2 – Essa é antológica em Piracicaba. O ex-vereador Eulogio Vieira Sobrinho, ex presidente da Liga de Futebol Varzeano, era craque em exageros. Certa vez, ao comentar uma manchete em um dos jornais da cidade, que se referia a ele, disse em alto e bom som: “Não tenho medo de manchetes escritas em letras GRAMATICAIS”. Ele queria dizer letras “garrafais”, grandes.

Fundo do Baú 3 – Do mesmo Loginho, um slogan que ficou pintado por muitos anos numa das esquinas da Saldanha Marinho, depois da Independência: “Loginho é nosso e boi não lambe”. Foi reeleito várias vezes para o cargo de vereador. Trazido aos tempos atuais, a reeleitura do slogan poderia ser aplicada ao ex-vice prefeito Sérgio Pacheco, que lidera o movimento “ú mió do boi”: “Serginho é nosso e o mió do boi num lambe!”

Fundo do Baú 4 – Jovens estudantes do mestrado em economia na UNICAMP, Barjas Negrí e Gabriel Ferrato terminavam a noite, invariavelmente comendo sanduíches no antigo Bar do Décio, na rua Santa Cruz. Já pensavam no futuro da cidade. Até que um belo dia, inspirado, sentou-

-se à mesa o irreverente e hoje Senattore Fausto Longo, dizendo-lhes que tinha lido um novo autor no campo da economia, que o tinha encantado. Chamava-se Bokara. E deu uma aula de economia aos perplexos mes-trandos. Como não tinham lido aquele autor num mestrado conceituado como aquele. Foram embora com “gostinho de quero mais”. Antes de sair, contudo, Longo segredou aos que tinham sobrado na mesa, inclusive a este Capiiau, que tinha inventado tudo. E que Bokara não existia. Até hoje quando encontra os dois, Longo pergunta se já leram Bokara!

Paper de Bala – O fotógrafo Christiano Dihel Neto era assessor fotográ-fico da Prefeitura de Piracicaba nos anos 80, quando cunhou a expres-são “paper de bala”. Quando aparecia algum chato na prefeitura, pedia uma bala para os amigos. Era a senha ... “Paper de bala, aquelas de ovos do seu Passarela, que grudam no pé e são difíceis de sair”. Quem era o “paper maior” daqueles dias? Este Capiiau não confessa nem sob tortura... perguntem ao Christiano.

Corruíra – Essa já saiu até no Pannel da Folha de S.Paulo, nos anos 80. Recém-chegado a Brasília, o deputado João Herrmann Neto levou consigo o fiel escudeiro Zé Barbosa. E lhe pediu para procurar o gabinete do cole-ga, também deputado por São Vicente, Koyu Iha. Sem saber por onde co-meçar, Barbosa começou pelo elevador. Quem conhece o deputado “cor-ruíra”? Um repórter da Folha, também da baixada, indicou o caminho. E no dia seguinte mandou ver no pannel. Koyu não sabe até hoje quem foi o autor da trapalhada.



Muito quilômetro pra pouco voto – O ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Newton da Silva vivia pedindo ao ex-prefeito João Herrmann para ampliar sua base eleitoral, pois queria ser candidato a deputado. Sacana, Hermann convidou-o para ir a Anhumas, a 80 km de Piracicaba. Lá chegando, Newtinho foi recebido com festa por um grupo de aposentados. Pagou cervejas e saiu com o compromisso do grupo de sair de lá pelo menos com uns 500 votos. Passada a apuração e contabilizados os votos, conseguiu apenas dois lá no distante distrito. No primeiro reencontro do Newton com o ex-prefeito segredou: “Não volto lá não, é muito quilômetro pra pouco voto!”

Empresas de pesquisa eleitoral – Começam a ser sondadas para “fotografarem” o momento pré e eleitoral da cidade. Sem este tipo de instrumento, os candidatos ficam como cegos durante as campanhas. Pesquisa é preciso, sim, fazer, mas, mais do que isso, é preciso saber interpretá-las, sem o que, o gasto com elas vira dinheiro jogado no lixo. Aqui em Piracicaba, a melhor agência para trabalhar com cenários políticos e vencer é a Ozônio Propaganda, conduzida com talento por Oswaldo Baptista. Sem grandes opções na cidade, está atendendo candidatos de várias cidades do Estado de São Paulo. A agência já venceu duas eleições municipais em Piracicaba elegendo José Machado e Barjas Negri.

C... de boi – Além do folclore político, o folclore sobre o rádio em Piracicaba é gigantesco. O antigo radialista Bene Marques, irradiando certa vez uma partida do nosso glorioso XV de Novembro e percebendo uma situação inusitada na área do time, teria dito que aquilo era um “c... de boi na área do XV”. Se foi gol ou não, o folclore não conta. Mas a expressão passa de pai para filho na cidade.

Ontem e hoje – Iniciando sua trajetória num dos jornais e numa das rádios da cidade, um jovem jornalista, hoje experiente no campo do meio ambiente, foi submetido a dois “troles” no mínimo hilários. Da redação do jornal foi escalado para descobrir, entre as livrarias da cidade, qual tinha um novo lançamento no mercado: ‘papel carbono branco’. Na rádio, diz a lenda, deram-lhe uma garrafa com urina para ‘limpar os long plays’.

Neologismo – Outro jovem jornalista, hoje professor universitário, participava da rádio escuta para um dos jornais da cidade. Ao apresentar o texto para o chefe da redação, lá estava grafada a cidade de origem da notícia: Uóxiton. Isso mesmo, a capital política dos Estados Unidos, traduzida em caipiracicabano grafava-se assim mesmo.

Concurso de roncos – Logo que assumiu seu segundo mandato, o ex-prefeito José Machado contratou uma empresa para promover a integração entre os seus novos secretários municipais, muitos neófitos na coisa pública. O grupo ficou hospedado num hotel em Campinas durante um final de semana. Sem conseguir dormir, por conta do companheiro de quarto, o ex-vice prefeito Alexandre Alves passou a noite no sofá da sala, enquanto, tranquilo, Mário Tomaziello enchia o hotel com seu ronco de trator velho.

Zezinho – Aliás, entre as poucas broncas que o Machadão deu na vida, uma foi relacionada ao seu parentesco com o deputado Campos Machado, presidente do PTB em São Paulo. Nascidos em Tanabi, quando se encontravam, era visível o constrangimento do primo petista, a quem Campos Machado chamava carinhosamente, como nos tempos de Tanabi, de “Zezinho”. Machadão ficou bravo quando publicaram nos jornais da cidade o seu parentesco.



Desafiador - O então jovem repórter do jornal "O Diário", Gilberto Martim, certa vez encerrou uma entrevista coletiva na cidade. As empresas Dedini tinham convidado o vice-presidente da República, Aureliano Chaves para visitá-la. Martim perguntou ao então vice-presidente se ele "não se sentia incomodado por representar um governo tão impopular como aquele da ditadura militar". O pessoal de RP da Dedini ficou desesperado. Os microfones foram desligados, a coletiva encerrada e tiraram o político mineiro da sala rapidamente!

Desesperados - Na antevéspera de sua eleição para prefeito da cidade, o então prefeito Francisco Salgot Castillon sumiu. Os correligionários ficaram apavorados. Ninguém sabia dele, nem a família, nem o pessoal do comitê, nada. Final da noite e lá volta ele, todo matreiro. Subiu e desceu a rua Moraes Barros de ponta a ponta, entrou em todas as casas, tomou café, almoçou, lanchou, jantou, apertou a mão de cada eleitor, ouviu histórias e

voltou com o sorriso da vitória no rosto. Pelo menos naquela rua, ele teve todos os votos.

Quércia e as crianças – Quando passava por Piracicaba, em tempos de campanha, o ex-governador Orestes Quércia adorava beijar crianças, carregar no colo, etc e tal. Depois, aos amigos, segredava “criança é como paisagem, quanto mais longe, melhor!”

Doando sangue – Logo que iniciou seu segundo período de governo, a Associação dos Doadores de Sangue convenceu o prefeito José Machado e seu secretariado a visitarem o Banco de Sangue da Santa Casa e fazerem doações, mais como impacto midiático. Machadão convocou o time, fez o discurso de agradecimento à frente da equipe médica da Santa Casa, disse que ia tomar um cafezinho e “sumiu”. Foi encontrado horas depois, ainda pálido, a caminho do gabinete. Sem doar uma gota sequer!

Deu carrapato na cabeça – Ao tempo em que era vereador, Milton Carmo fez uma brincadeira com um assessor que começava a trabalhar naquele dia em seu gabinete. Pediu ao jovem que fosse à Tabacaria Raya, onde se faziam apostas de jogo de bicho e vendiam-se bilhetes de loteria, para apostar alguns tostões no “carrapato”. Deu o dinheiro e sumiu no prédio da antiga Câmara. Horas depois foi encontrado pelo assessor que lhe trouxe o dinheiro transformado em bilhetes de loteria. Só que do “burro”, pois segundo o Sr. Raya, o “carrapato não fazia parte dos bichos apostados”. No final da tarde, só por vingança, o assessor foi conferir o resultado. Deu “burro” na cabeça. Só que com outro milhar, para decepção do vereador.

Um passarinho me contou ... Essa expressão era clássica nas pequenas notas que os jornais de hoje e ontem davam, para não identificar as fontes que informavam as breves notas que alimentaram o noticiário e o folclore político daqui e dali. Desde o velho “Bola Branca” da Folha de Piracicaba, aos contemporâneos OFF do Jornal de Piracicaba e a este velho/novo Capiáu, que só revela algumas das suas fontes depois de muito, mas muito chope!

Voz da Unidade – O velho jornal do Partidão, Partido Comunista certa feita colocou uma nota crítica contra o então prefeito João Herrmann. Alertado por um correligionário, ele mostrou-se tranquilo. “O jornal tem

só um assinante lá em Piracicaba e o Adalberto Machado é meu amigo! ”
Ficou elas por elas!

31 de março – Desafetos da revolução/golpe de 31 de março, quando vai chegando a data, procuram saber quem foi o vereador na Câmara Municipal que prestou tal homenagem. No segundo governo de José Machado, um intenso movimento foi feito no sentido de mudar o nome da avenida tradicional para Mário Covas, que tinha falecido por aqueles dias. Sabedor das dificuldades, o então secretário de Turismo, Vanderlei Dionísio detonou a operação.

O corvo, de novo! Xico Graziano (ex-Sud Mennucci e ex-Esalq) é um militante histórico do PSDB. Sob sua responsabilidade agora está a condução da campanha eleitoral de Aécio Neves na internet. Recentemente seu filho Daniel acusou, também pela internet o filho de Lula, o Lulinha de possuir terras e fazendas. Só que por azar, postou terras da ESALQ como sendo do filho do ex-presidente.

Poyoka – Que o Corvo, não faça das redes, este ano, uma imensa “Poyoka” (como a República em que morou na terrinha, na Rua Voluntários). Para quem não sabe é excremento de vaca. Há termos mais populares para denominá-la, próprio dos agricultores.

Nazismo – De passagem por Piracicaba para um evento no teatro municipal, o deputado Ulisses Guimarães foi surpreendido por uma atitude intempestiva do então prefeito João Herrman. Ao final do seu discurso, Herrmann pedia o fim de regimes totalitários. Como havia uma peça em cartaz, que exibia cartazes nazistas, Herrmann pediu que eles descessem sobre a mesa. Diante do olhar perplexo de Ulisses. As fotos tiradas naquela noite sumiram ... Se tivessem sido publicadas, criariam, certamente gigantesco constrangimento ao velho Ulisses, debaixo de uma suástica!

Herrmann e o fosso do teatro – Por razões que se desconhece, quando o então secretário de Obras do município, na gestão de Adilson Maluf, João Herrmann Neto teve a tarefa de entregar o teatro municipal à população, por conta da pressa, decidiu fechar o fosso, que possibilitaria à população ouvir concertos de grande magnitude. O Capiáu ouviu dia desses, de um antigo integrante da administração, que na verdade, Herrmann

não gostava mesmo era do Maestro Mahle e, com seu gesto, impediu a Escola de Música, dirigida pelo maestro, de apresentar sua produção musical estes anos todos.

Reuniões no Cemitério - Ao tempo de Herrmann prefeito, era comum aos integrantes do MR8, Movimento Revolucionário 8 de outubro, pularem os muros do Cemitério da Saudade e fazerem reuniões por lá. O hoje prefeito de Rio Claro, Palminio Altimari, o Coalhada integrava o grupo.

Em alta - Antigo reitor da UNIMEP, o prof. Almir Maia sempre foi sondado por forças políticas da cidade para ser candidato a prefeito. Adilson Maluf foi pessoalmente convidá-lo em sua casa, mas Maia declinou. Preferiu cumprir seus compromissos na Universidade até o final.



Mais trabalho - Depois que entrou com duas páginas no *Face book*, o deputado Roberto Moraes, do PPS, não parou mais de dar atenção aos seus novos contatos, postando fotos com constância, respondendo pessoalmente às demandas. É comum inclusive enviando mensagens religiosas pelo FB.E, para não perder a mão, falar sobre o XV, uma das suas paixões.

ANOS 2000

Campo livre -- Com isso, quem teve campo livre para candidatar-se foi seu vice e o hoje reitor Gustavo Alvim. Ano passado empenhou-se bastante para conseguir as quase 500 mil assinaturas para viabilizar o partido “Rede” de Marina Silva. Este ano, com as eleições presidenciais e a suspensão temporária do projeto, todos ficam aguardando para que lado Marina irá, após 5 de outubro.

O golpe, o livro - Excelente o artigo da jornalista Patrícia Polacow sobre a “Marcha com Deus, pela família e pela propriedade”, no livro “Piracicaba 1964, o golpe militar no interior”. Neta do velho Isidoro Polacow, que por anos foi editor chefe de O Diário, Patrícia honra o nome da família com essa sua estreia pelos livros. Naquela época, com pouca idade, o Capiá assistiu a passeata que passou pelo apartamento onde morava na rua XV de Novembro, sem entender bem o que estava acontecendo. E se lembra da chuva de papel picado que caía pelas janelas do “Lucia Cristina”.

Pichações - Em dois novos pontos turísticos da cidade - Peixe Dourado na entrada da cidade pela SP-304 e na nova passarela - criticam a alta na tarifa de trânsito, aprovada desde dezembro do ano passado, mas que ainda demonstra que incitará novas manifestações. Agora, também motivado pelos últimos acontecimentos em São Paulo. A conferir.

Impressionado - Estava o vereador José Antonio Fernandes Paiva (PT) durante a manifestação que reuniu 15 mil pessoas no Centro de Piracicaba, ontem, para pedir a redução da tarifa de ônibus. “Não tenho o que falar, isso é lindo”, disse ele, enquanto tentava entender a dimensão dos fatos. Além de Paiva, também participaram da manifestação os vereadores Chico Almeida, também do PT, e Paulo Camolese (PV).

Lembrança - De Ronaldo Almeida, “petista histórico”, ao lado do outro “petista histórico” Fábio Paiva, durante a manifestação. Enquanto olhavam as pessoas na praça José Bonifácio, ambos não se contiveram ao lembrar dos “tempos de Juventude do PT”, quando eram eles que sempre

estavam à frente da organização de algumas mobilizações. Mas nada, naquela época, tomou uma dimensão tão grande como o que se viu ontem em Piracicaba.

Crise – Um dos assuntos no programa Piracicaba Agora (que o Capiiau errou e chamou de “em Destaque”), sexta-feira, foi a crise que, segundo alguns, está instalada no Brasil. O Capiiau, mais otimista, entende que será superada essa crise, como tantas outras. E o representante da Drogal foi claro ao dizer que o seu setor vai indo bem, venda de remédios. Ou quer dizer que a saúde, em Piracicaba e Região, é que vai mal?

Começo – Para os candidatos a deputado estadual Roberto Moraes (PPS, reeleição) e Laércio Trevisan Júnior (PR), a campanha já começou mesmo. São vários banners instalados, distribuídos por vários pontos da cidade, e visitas em cima de visitas. Eles, mais do que muitos, sabem que, nesta eleição, deputado estadual é o vereador das outras...

Amizade – Luiz Antonio Copoli, o Titio Luiz, recebeu o título de Piracicabanus Praeclarus, em homenagem aos 39 anos do “Programa da Amizade”. Ontem, ao vivo, foi transmitida a solenidade nas dependências da Rádio Educadora, pela qual é apresentado todos os dias. A última vez que uma entrega de título de Cidadão Piracicabano foi feita fora do prédio da Câmara, aconteceu no Simespi, ao ex-governador José Serra (PSDB). O vereador Chico Almeida (PT) foi o autor.

Funerárias I – Na década de 1970, correu pela Câmara Municipal a ideia de se criar, em Piracicaba, o Serviço Funerário Municipal. Não foi aprovado. Mas conta a lenda que deputados influentes na época – da Arena, Domingos José Aldrovandi e Salvador Julianelli, também da Arena, do lado dos Guidotti – foram “olhados” de cima em baixo, como se os estivesse medindo, pelo agente funerário Cesário Ferrari.

Funerárias II – O olhar sereno e calmo de Cesário Ferrari – esse ba-luarte do bem comum, escritor e conhecedor profundo do tema morte, com livro sobre a cultura latina e a cultura anglo-saxônica – bastou para acalmar a movimentação dos vereadores, a maioria da Arena ligada aos dois parlamentares. A lenda continua, quando o estimado Cesário corre os olhos de cima abaixo...

Vlado – Merecidamente o jornalista Audálio Dantas saboreia o sucesso do seu livro “Vlado”, que demorou 30 anos para ser decidido, cinco de pesquisa e outro ano e meio para ser redigido. Já foram vendidos os primeiros dez mil exemplares. A editora cuida já da reedição, enquanto o velho Audálio anda país afora recontando dias difíceis em que ele, à frente do Sindicato dos Jornalistas de S. Paulo viveu.

Não se esquece ... – Nas suas andanças, quando alguém se apresenta como sendo de Piracicaba, ele fala do editor desta “Tribuna”, um “amigo véio” e do “bendito ponto de exclamação !!!!”, que rendeu ao jornalista Cecílio Elias Neto, de “O Diário”, um dos seus inúmeros, e talvez o mais curioso dos processos já recebidos por um jornalista.

Fusnai – No dialeto caipiracicabano, “fusnai” significa uma coisa inapropriada, que não funciona, de baixo valor, porcaria. Esse Capiiau ouviu dia desses, de um amigo, que a solução encontrada pelo vereador Laércio Trevisan sobre o Largo do Bom Jesus, tinha sido “fusnai”.

As pombas e José Bonifácio – Só mesmo em Piracicaba, com o pombal da Praça que leva o seu nome, José Bonifácio, o patriarca da República vive sob a mais completa sujeira. De lá já retiraram os constitucionalistas e Luiz de Queiroz, poupados das aves. Sobra, solitário, o nosso patriarca.

Línguas de hoje na internet – Hoje os “línguas de trapo” são militantes, especialmente do PT e do PSDB, assalariados pelos respectivos partidos, que enchem o *face book* e outros espaços das redes sociais com fotomontagens, divulgação de ideias, piadas e sacanagens de toda a natureza contra “A” e contra “B”, criando uma desnecessária, desinteressante e prejudicial polarização da discussão política. O importante é dizer que de um jeito ou de outro, todo mundo recebe dinheiro pelo que faz.

Próximo passo – O empresário Ângelo Frias Neto tem sido um dos destaques da política associativa na cidade. Discreto, educadíssimo e empreendedor, legou ao longo de 25 anos, uma das maiores empresas no ramo imobiliário da cidade, no momento em que Piracicaba vive um “boom”. Terá Frias sido picado pela mosca azul da política? Qual seu próximo passo? A conferir.

Jornalismo político antes do twitter – O Capiiau não é o primeiro a ter

uma coluna com notinhas curtas e grossas sobre política. Trata-se de uma tradição no jornalismo político brasileiro. Hoje colunas como o “Painel” da Folha de S.Paulo ou as antigas pílulas de Sebastião Nery, ou as “porandubas” políticas de Gaudêncio Torquato espalhadas pela internet, fazem parte da tradição e memória deste tipo de comentário, bem-humorado e atrevido. A imprensa local já teve seus melhores dias neste gênero jornalístico. O Capiáu é agora o último dos moicanos do gênero aqui na cidade.

REGIONAL

ANOS 70

Liforme – O então candidato a prefeito de Charqueada, Noedis Zanata visitou certa feita o então prefeito de Piracicaba, João Herrmann Neto e pediu ajuda para a sua campanha. Zanata pedia insistentemente a Herrmann que queria levar “liformes” para a sua cidade. Assustado, Herrmann não entendia o recado, até que se socorreu de um assessor que traduziu: “Liforme significa uniforme de time de futebol... para distribuir nos bairros da cidade” Zanata voltou com a promessa, mas sem os “liformes” para distribuir.

Manteiga – O ex-governador Luiz Antonio Fleury Filho, quando no PMDB de Orestes Quércia, visitou Piracicaba e foi almoçar no Restaurante Mirante. Sempre com as bolinhas de manteiga, o restaurante oferece um pão que parece a cabeça de peixe da família do pintado. Fleury chegou, não mediu esforços, e colocou uma bolinha na boca. De longe, Agostinho Benites viu e correu para avisá-lo, ao que “se virou” para engolir com muito pão. “Pensei que fosse queijo”, disse, aguardando o pintado na brasa.

Leis ... ora as leis – O registro histórico da cidade de Rio Claro mantém entre os seus guardados, leis absurdas como a que proibia expressamente comer melancia. A lei de 1894 foi aprovada porque havia uma desconfiança de que a fruta seria o agente transmissor da febre amarela e do tifo. A construção de aeroporto para discos voadores em Varginha/MG também foi aprovada, mas não saiu do papel. Pelo menos por enquanto ...

ANOS 80

A dentadura – Comício eleitoral, sob o manto de palestra científica, no CALQ nos anos 80. Sábado à tarde, tendo como convidado o príncipe dos sociólogos, Fernando Henrique Cardoso. Entre os presentes, o presidente do PMDB de Águas de São Pedro, o corretor imobiliário e ex-vereador Lourenço dos Santos Neto. Lá pelas tantas, uma engasgada e a dentadura do dito cujo veio ao chão. Sem cerimônia, deu uma limpadinha, botou na boca e continuou a prostrar como se nada tivesse acontecido. Elegante, FHC fingiu que nem viu!

O boi falou – O distrito de “Barão Geraldo”, em Campinas, realiza anualmente a festa em homenagem ao “boi que falou”. Segundo a lenda, um escravo ouviu do boi e transmitiu ao patrão “amanhã não pode trabalhar...” O patrão acatou e o loroteiro ganhou a imortalidade. Também em Capivari, reza a lenda, outro “boi falou”. Mas o que ele falou, este Capiaru não pode contar não!!!!

Plural garante emprego – Contam os antigos políticos da terrinha, cuja história começa com um pequeno povoado, no bairro do Saltinho, hoje transformado em município. No primeiro comício, os candidatos a prefeito exibiam seus verbos. Dentre eles, um matuto metido a candidato. Subiu ao palanque e mandou brasa: “Povo do Sartinho, vô botá água enxada, asfartá as rua, iluminá as praça, dá mantimento nas escola...”. Ao lado, um assessor cochichou, (o hoje procurador de Piracicaba, Dr. Maurão Rontani) : “Zé, emprega o plural”. O candidato emendou : “Vô dá emprego pro prural, pro pai do prural e pra mãe do prural, pois no meu governo não terá desemprego”.

Degola – Do ex-prefeito de Americana, Carrol Meneghel, sempre que um candidato não ia bem numa campanha afirmava: “O candidato não degola!”. Na verdade pretendia dizer “não decola!”, para espanto de cor-religionários de campanha.

NACIONAL

SÉCULO XIX

Diabão – Além de escrever cartas com pseudônimos para os jornais da época, o Imperador também escrevia cartas a sua amante, dona Domitila de Castro. E nelas assinava com o pseudônimo “Diabão” ... Este Capiiau promete investigar aqui na terrinha quais os apelidos dos “Diabões” locais... mas não vai publicar não, que o Capiiau quer manter-se vivo até os 90 anos, pelo menos! E não conhece nenhuma Domitila aqui na cidade ...

O imperador ocioso – Essa prática vem do final do Império, quando D. Pedro II, muito sem ter o que fazer, escrevia para a imprensa com pseudônimos sugestivos como Simplício Maria das Necessidades, Sacristão da Freguesia de São João do Itaboraí, O inimigo dos marotos, Piolho Viajante, O anglomaníaco, O espreita, O Ultrabasileiro, O filantropo, O derrete chumbo a cacete. O Imperador não gostava de ser criticado! Cenário não muito distante da realidade que hoje vivemos, infelizmente.

ANOS 60

Linguajar janístico – Há duas pérolas entre as mais citadas, entoadas pelo então professor de português e depois presidente do Brasil, Jânio Quadros. Ao ser questionado por uma jovem jornalista “por que fez isso”, respondeu do alto da sua sabedoria: “Fi-lo porque qui-lo”. Noutra vez lhe perguntaram porque bebia tanto: “Se fosse líquido, bebê-lo-ia. Se fosse sólido, comê-lo-ia”. Os maldosos emendavam, “como não é possível comê-lo-á”, um cacófato que fazia referência ao nome da esposa de Jânio: Eloá Quadros.

Jânio – E Jânio renunciou, segundo dizem, após um “porre à base de whisky”. Jânio também é lembrado por ter proibido biquínis nas paias do Rio de Janeiro e briga de galos.

Apelidos no Brasil – Juscelino Kubitscheck era “Nono”; Getúlio Vargas, Gegê; Luís Inácio, virou “Lula”; Prudente de Moraes era “Biriba”; Afonso Pena, “Tico-Tico” e Artur Bernardes, “Seu mé”... por que será? Epitácio Pessoa era “Tio Pitta” e Eurico Dutra era chamado de “catedrático do silêncio”, porque falava mal e pouco.

Pé de valsa – O ex-presidente Juscelino Kubitscheck de Oliveira, o JK, além de hábil político era exímio dançarino. E com isso, ia trazendo alegria e intranquilidade nas cidades por onde passava. Por ele as moças suspiravam. Por ele, os maridos renegavam os votos. Coisas da política. E dona Sarah, coitada, que inventou o primeiro comitê feminino para ajudá-lo em suas campanhas, vivia “alquebrada”, tal era o peso da sua infelicidade!

A camisa de JK – Duro e querendo ir a um baile, o ex-presidente Juscelino Kubitscheck inventou de vender uma camisa para arrumar dinheiro para as entradas. Lavou, passou, embrulhou bonito e conseguiu a grana. Dia seguinte foi procurado pelo comprador, que reclamou do prejuízo: a camisa tinha rasgado todinha. Ao que JK lhe perguntou: “Mas fez o que a noite inteira com a camisa?” Ao que o comprador lhe respondeu: “Dancei samba, maxixe, mambo, tango e o escambau”. Irritado, JK lhe disse: “Mas

meu amigo, essa é uma camisa de tecido fino... só pode dançar valsa! ". Deu as costas e nunca mais falou com o interlocutor.

Dona Eloá e a vassoura – Uma das imagens mais marcantes das campanhas eleitorais foi exibida na campanha eleitoral para presidente da república desenvolvida por Jânio Quadros. Na ocasião, por sugestão de sua esposa, dona Eloá Quadros, foram usadas vassouras como símbolos da campanha. Todo mundo tinha uma em casa. Custo zero. E tema infalível: "Varrer a corrupção". Deu no que deu.

Revista O Cruzeiro – O velho Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados e da Revista O Cruzeiro, era um craque do ponto de vista editorial. Certa feita pediu a um dos seus fotógrafos que conseguisse uma foto do ex-presidente Juscelino Kubitschek de "robe de chambre", fazendo a barba. JK topou a brincadeira e virou capa da revista. Hoje, certamente nossas editorias fotográficas são todas muito menos audaciosas!

Jingles eleitorais marcantes – Uma das novas armas das campanhas eleitorais é o jingle. Música rápida, procura mostrar questões específicas do plano de governo, realçam o nome, o número do candidato e o cargo que está disputando. As marchinhas "Varre vassourinha", de Jânio, nos anos 60 e o tradicional "Eymael", composta pelo alfaiate do político, que lhe deu a música de presente, estão no universo imaginário das pessoas como as mais marcantes.

ANOS 80

Dúvida I – Na campanha de 1982 para governador, o deputado federal Paulo Sallim Maluf (PP) resolveu, numa das legendas da Arena, enfrentar o candidato do presidente João Batista de Oliveira Figueiredo no Estado de São Paulo, Laudo Natél, hoje firme e forte aos 94 anos. Em Capivari, o delegado arenista era Júlio Forti Neto, dentista, de quem Maluf nunca acreditou ter recebido apoio.

Papel almaço – O então deputado federal Dante de Oliveira entrou uma manhã no gabinete do deputado piracicabano João Herrmann pedindo uma folha de papel almaço. Atendido, rabiscou um rápido cabeçalho, colocou a sua assinatura, depois colheu a assinatura de Herrmann e saiu pelos corredores colhendo de outros deputados para uma emenda parlamentar. Era o primeiro movimento pela volta das “Diretas Já”!

Bons tempos – Programas de televisão e rádio, no princípio da retomada das eleições diretas no Brasil sempre foram sugestivos. Sem muito dinheiro para campanhas na tv e no rádio, o ex-candidato Ciro Gomes usava no rádio o mesmo som dos programas de televisão. Até que um dia saiu-se com esta: “ ... e vejam como estão esburacadas as nossas ruas!” Vejam? No rádio? Tempos de vacas magras e mil improvisos, que marcaram o princípio da propaganda eleitoral gratuita.

ANOS 2000

Dúvida I - Em 2010, como candidato à reeleição para a Câmara Federal, Paulo Maluf (PP) passou pela redação de “A Tribuna”, e o assunto voltou à tona, já que o diretor, jornalista Evaldo Vicente, visitou Júlio Forti Neto em nome de Laudo Natél. Júlio recusou qualquer diálogo, porque havia assumido compromisso de votar em Maluf. Exatamente 32 anos depois, Maluf tirou uma dúvida que carregava como assombração. Júlio ficou feliz.

Parlamentarismo - Este Capiiau ganhou um aliado em defesa do parlamentarismo para o Brasil. O humorista Jô Soares (TV Globo) manifestou, segunda-feira, mudança de opinião: disse que sempre defendeu o presidencialismo, mas está vendo que o parlamentarismo é a solução. Este Capiiau, em 1978, participou do início da campanha de “A Tribuna” em favor da mudança do sistema de governo. Vamos torcer por novo plebiscito!

Vaidoso - Quem diz que só Lula atendeu aos pedidos dos marqueteiros para vestir-se com ternos “Armany” nas campanhas pela televisão? O velho Prudente de Moraes, nascido em Itu mas projetado politicamente em Piracicaba, mais afeito aos jaquetões e gravatas de laço, pediu, antes de sua campanha presidencial no final do século XIX, que o seu alfaiate no Rio de Janeiro lhe fizesse um conjunto com oito jaquetões e vinte gravatas para serem usadas no período.

Petistas transtornados - a penúltima que corre na internet. Petistas estão indignados com a nova logomarca da novela Geração Brasil, que estreou esta semana na Globo. Segundo alguns mais raivosos, ao escrever a palavra Brasil, usando o número “4” e o “s” estilizado, na verdade a Globo estaria induzindo a sociedade a votar no candidato número 45, portanto Aécio Neves, do PSDB. Viagens à parte o que os “companheiros” não sabem, ou preferem não ler, é que a Globo levou a fatia de R\$ 80 bilhões durante o governo petista para falar bem do governo, através da

Petrobras, Correios, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e outros penduricalhos do amplo ministério Dilmista.

Apoiadores de Padilha – Repete-se na campanha para o governo do Estado a articulação entre o PP, de Paulo Maluf e o PR, de Waldemar Costa Neto ao candidato Padilha, do PT. Quando Maluf apertou a mão de Haddad, tendo Lula como parceiro, na eleição municipal do ano passado, petistas históricos – como Luiza Erundina – desistiram da disputa. Quem desertará em 2014?

Cara de pau – O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, foi flagrado num vídeo, postado na internet, comendo uma fruta e jogando o bagaço na rua. Por lá, impôs à sociedade o programa “Lixo Zero”. Flagrado, o prefeito autoaplicou-se uma multa de R\$157,00 pelo deslize e, cara de pau, disse à imprensa que havia jogado o bagaço pra um assessor.... Sempre o assessor!

Em São Paulo – Candidatos exóticos como as mulheres-fruta, a última candidata foi a mulher-pera, a deputada. Além dela, Agenor Bisteca (PSDC), Puiu (PMN), Ailton Meleca (PTN) e Josué Topa Tudo (PHS).

Como dizem os assessores – Na mídia, o slogan é “Minha casa, minha vida!” Internamente, os assessores da Casa Civil do governo, responsáveis pelos projetos na área, dizem aos amigos outro slogan: “Minha casa, minha vida, nosso inferno!” Ninguém quer ver dona Dilma brava.

Governador Cartunista – O candidato a governador de São Paulo, pelo PSOL, o professor universitário e pesquisador Gilberto Maringoni também é cartunista e já participou de diversas comissões de seleção e premiação do Salão de Humor de Piracicaba. Se eleito for, vai fazer do Palácio dos Bandeirantes um “sarro”!

Aébrio – Nas redes sociais circula o novo apelido de Aécio Neves. “Aébrio”. Em tempos de vale tudo, vale tudo mesmo!

Mão e contramão – Cenário da Avenida Paulista domingo em São Paulo. Na mão, como quem vai para os bairros, jovens com a bandeira do Brasil distribuem adesivos para carros com a inscrição, FORA DILMA. Na contramão, indo para a Consolação rumo ao estádio do Pacaembu, pelo menos uns dez carros com bandeiras do Corinthians. É preciso dizer mais?

Petezada braba! – Com a TV Revolta. Criada pelo radialista João Vitor de Almeida Lima, que nela interpreta o personagem João Revolta, está bombando na internet. Com um público superior ao do Jornal Nacional. A TV Revolta já atingiu 27 milhões de internautas, enquanto o tradicional JN está sendo visto por 16 milhões de espectadores. É, até aqui, o grande fenômeno comunicacional da internet em 2014.

Rolando Lero – Quem ouve o ex-ministro e candidato a governador de São Paulo, Padilha falar, parece estar ouvindo o comediante Rogério Cardoso, que interpretava o “Rolando Lero” na escolinha do prof. Raimundo da Rede Globo. Rolando Lero era, certamente, muito mais engraçado. A aproximação de Padilha com os “chatos” parece inevitável.

Cervejas e eleições – Estudo encomendado por empresas cervejeiras do país mostram que há uma tendência de crescimento de 7% de aumento nas vendas do produto, mesmo em período fora do verão. Qual responsável? A eleição presidencial deste ano. Visitas dos candidatos, churrascos, apostas e um clima de festa vem vindo por aí. Nessa época tem gente que bebe cerveja de Chico e de Francisco. E não vota em nenhum dos dois.

Fotos rasgadas – O velho presidente FHC sempre foi o terror das meninas, aos moldes de JK, por onde passava nos seus tempos de professor, sociólogo e político. Dizem que, enjoada com tanta traição, Dona Ruth Cardoso rasgou as fotos do casamento e deixou-as na porta do elevador por onde o ex-marido subia, sempre na alta madrugada!!!

Filho ingrato – Essa é atribuída ao ex-político mineiro José Maria Alckmin em MG e a Paulo Maluf, aqui em SP. Certa vez, perguntando a um eleitor, “como vai o seu pai? ”, o filho ilustre responde, “mas governador, meu pai morreu...” ao que Alckmin/Maluf responderam “morreu pra você, filho ingrato ... ele está sempre no meu coração.”

Falsihadad – Milhares de professores municipais lotaram ontem a Rua da Consolação em direção à prefeitura de São Paulo, pedindo melhoras nas condições de ensino na rede pública municipal. Numa das faixas podia se ler “Falsihadad!” Um neologismo contra o comportamento do prefeito da cidade.

Newtão – Personagem folclórico lá pelas Minas Gerais, o ex-gover-

nador Newton Cardoso ficou muito bravo quando chegou para uma atividade na ONU, e leu a faixa “Welcome Newton”. Quando voltou a Belo Horizonte, não teve dúvidas e mandou grafar outra faixa: “Newtão come wel”.

Metódico – O ex-vice presidente da República, Marco Maciel era metódico em tudo. Inclusive no casamento. Domingo à noite era sagrado que, depois da missa, seguida de pizza com vinho, era hora de “namorar”. Até que num certo domingo à noite, Maciel recebe um telefonema do ex-ministro chefe, Golbery do Couto e Silva, informando que um avião o aguardava para uma viagem urgente a SP. Maciel vira-se para a esposa, informa que Golbery o havia chamado e sai-se com essa: “Teje namorada!”

Carnaval é fogo! – Quem mais sofre em dias de carnaval são os assessores de imprensa dos políticos. Mesmo que tentem evitar, a todo custo, que seus “clientes” não sejam flagrados em situações vexatórias ou impróprias, quem sai para ruas ou clubes, sempre acaba flagrado com copo de bebida na mão... que é muito útil aos adversários em dias de campanhas eleitorais. Para caracterizar que o político é um “bebum”.

Itamar Franco *hours concours* – O caso mais vexatório ocorreu com o ex-presidente Itamar Franco, num dos seus dias de presidente. Ele foi passar o carnaval no Rio de Janeiro, recebeu camarote especial, bebeu, brincou à vontade e até arrumou uma namorada para aqueles dias. Lilian Ramos. Apareceram juntos, fotografados de baixo para cima pelos fotógrafos dos jornais brasileiros e internacionais. Que no dia seguinte estamparam as fotos do presidente “alegre”! E a acompanhante “sem calcinha”. Foi um vexame. O assessor de imprensa pediu demissão.

Outros folclores – Campo imenso, além do folclore político, temos outros interessantes como o das mensagens dos caminhoneiros e até gente que estuda grafites em banheiros. Mas este Capião não resistiu, dia desses, na estrada para Águas de São Pedro quando cruzou um velho camião, tossindo de velhice, quando leu a gozação na traseira da carroceria: “Tchau Rubinho!!!!”

Torresmo – Delicioso o artigo de domingo na “Folha de S.Paulo”, assinado pelo cronista Carlos Heitor Cony, um craque da pena. Bem que

poderia virar folclore político. No artigo ele conta a história de um personagem sombrio nas campanhas eleitorais. Sempre aparecia de terno preto, bem-vestido. Ia a todos os locais onde estava o candidato e sua comitiva. Ninguém o conhecia. Ninguém sabia da sua função. Certa tarde, durante um churrasco, percebendo que o candidato queria torresmo para tomar com cerveja - e o torresmo tinha acabado - saiu logo para providenciar uma nova remessa. Quando chegou, bandeja na mão, o candidato cumprimentou-o, "Obrigado *maitre!* "

Aécio e a cocaína - A entrevista concedida segunda-feira, no Programa Roda Viva, pelo Senador Aécio Neves foi marcada por provocações do tipo "é verdade que o Sr. é usuário de cocaína?", ao que Aécio respondeu ao largo, ignorando o tema. FHC já foi perguntado por Boris Casoy se "fumava maconha", "Fumei mas não traguei..." respondeu, mas sucumbiu quando Casoy lhe perguntou o preço "de um filãozinho" na padaria. Lula foi flagrado e criticado pela imprensa norte-americana por conta da "marvada cachaça".

Nova cantora - A presidente Dilma recebeu no Palácio da Alvorada, no período pré-eleitoral, grupos de jornalistas, para conversar sobre amenidades. No último, cantou "atirei o pau no gato", "galinha pintadinha", as preferidas que canta para o neto. E falou de suas paixões pelo prof. Girafalles, personagem do "Chaves" e que é chorona em filmes românticos. E com isso, vai dando combustível para aplacar a figura de "gerentona".

Sala do Cafezinho - tradicionais no Senado e na Câmara Federal, as Salas do Cafezinho são os locais em que o folclore político circula com maior vigor. Por lá, não raro, brincadeiras e alfinetadas entre eles, dão combustível para a área. Aqui em Piracicaba, durante muitos anos, o chefe do gabinete do prefeito Adilson Maluf, Luiz Mattiazo, era o rei da fofoca política no Restaurante Brasserie. Hoje, em Piracicaba, só mesmo esse velho Capiau para recordar estas coisas.

Deu na internet - Sabe de quantas pessoas precisamos para acabar com o Brasil? "DIUMA".

Alto - O estilo do ex-secretário municipal de Finanças, Alexandre Motta. Este ano, ele publicou foto na comemoração ao Dia da Independên-

cia dos Estados Unidos – o 4 de julho – na casa do embaixador dos EUA no Brasil, em Brasília-DF. Secretário na primeira metade da administração municipal de José Machado (2001-2004), Alexandre trabalha atualmente no Ministério da Fazenda.

Millor - Definição de Millor Fernandes sobre o folclore político “é a maldade dita pelas costas!”

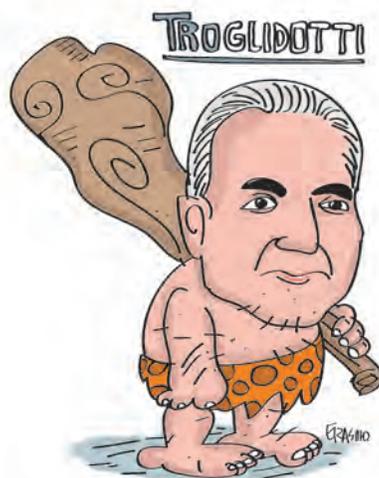


O cartum de Erasmo Spadotto que escolhemos para este livro, foi publicado na edição de 8 de dezembro de 2011, página B4, Caderno de Esportes do Jornal de Piracicaba. Nele é mostrado o ex-prefeito Barjas Negri, que governou Piracicaba entre 2004/2012. O então prefeito aproveitando a subida do time local, o XV de Novembro para a principal série do Campeonato Paulista, a A1, fez uma grande reforma no Estádio Municipal “Barão de Serra Negra”, que por certo agradou os torcedores do time e deu maior visibilidade para a cidade, em confronto com grandes times da capital, com transmissões de televisão e grande afluência de público. Ao fazer uma brincadeira com as letras dos nomes Barjas Negri e Serra Negra,

Erasmus foi felicíssimo e surpreendeu a cidade com o seu “Barjão de Serra Negra” ou “Barão de Serra Negri”, fazendo um trocadilho com o nome do Prefeito, que certamente gostou muito da brincadeira.

Poliglota – Certa vez o prefeito Luciano Guidotti foi abordado por seu chefe de Gabinete, Luiz Matiazo, com a informação de que uma delegação da Alemanha viria a Piracicaba com o interesse de instalar uma nova indústria. E que para recebe-los, a Prefeitura teria que contratar um poliglota para auxiliar na tradução das conversas. Luciano não se fez de rogado, e informou “podem contratar o troglodita”. Ao que Matiazo contestou, não é “troglodita, é poliglota”. Ao que o prefeito retrucou: “Troglodita, poliglota é tudo a mesma coisa...”

Folclore Político em Piracicaba e outras plagas



Apoio:

A TRIBUNA
PIRACICABA SÃO PEDRO RIODAS PEDRAS

JP o seu
JORNAL

REVISTA
ARRASO

Outros apoios das sociedades científicas:

ABP2
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM
PUBLICIDADE

POLITICOM



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONSULTORES POLÍTICOS
ABCOP

INTERCOM

ISBN 978-85-63448-42-2



9 788563 448422